A CENA MUDA

Nº 25 ★ 23-6-54
Cr$ 4,00 em todo o Brasil





insinuante

É A MAIOR E MELHOR SAPATARIA DA AMERICA LATINA E É TAMBEM UMA GALERIA A SUA DISPOSIÇÃO.

CARIOCA 46·48 – SETE DE SETEMBRO 199·201



Elizabeth Taylor lidera um concurso de valores preferidos pelo público, no tocante à beleza.

AOS LEITORES:

O signatário desta despede-se, no presente número, dos seus amáveis leitores. Motivo tão imprevisto quanto apreciável, qual seja o de um convite para uma viagem à Europa, determina esta resolução.

Agradece, e também o faz em nome do corpo redatorial, as contínuas e inestimáveis demonstrações de apoio manifestadas tanto na "enquête" "As Cotações dos Leitores" quanto na numerosa correspondência recebida.

Reverencia também os altos méritos da valiosa equipe de colaboradores, composta dos mais expressivos elementos da nova geração de críticos e estudiosos da Sétima Arte entre nós, que brindaram A CENA com preciosos trabalhos, de absoluta exclusividade para esta Revista e também ao apoio demonstrado pelo Diretor da Companhia Editôra e a todos os cooperadores.

Foi uma enorme satisfação manter, durante meio ano, êste precioso convívio com a alma do fã brasileiro que tanta amizade e carinho tem revelado para com esta imensa arte, de possibilidades cada vez mais crescentes.

OSWALDO DE OLIVEIRA (JONALD)



Entre os galãs, Farley Granger vem de ocupar a dianteira por entre as platéias americanas.

DE TODO O MUNDO

SERVIÇOS ESPECIAIS PARA "A CENA", COORDENADOS E ESCRITOS POR L. BOLTSHALSER

ITÁLIA

★ Anna Magnani, que há muitos meses atua com sucesso em uma revista musical, partirá para os Estados Unidos a fim de estrelar um filme extraído de "A rosa tatuana", de Tennessee Williams.

★ Os dois maiores sucessos de bilheteria em Roma, no momento, são "A princesa e o plebeu" de Wyler, com Gregory Peck e Audrey Hepburn, e "Pão, amor e fantasia", com De Sicca e Lollobrigida.

★ E por falar em Lollobrigida, esta continua brigada com Jean-Claude Pascal, que foi seu "partenaire" em "Le grand jeu". Muito comentado em Roma, o fato de que, estando Pascal em visita à cidade, Gina tenha dado uma festa em honra a seus amigos franceses (Gélin, Pellegrin, Georges Brehat) e não tenha convidado o jovem ator. E várias vêzes os dois se encontraram em clubes noturnos e nem ao menos se cumprimentaram...

★ Espera-se em Roma para breve, a visita de Tyrone Power e família. Ty, que fundou na Itália uma emprêsa produtora, prepara-se para encarnar num próximo filme a figura de Lourenço de Medicis. E já adquiriu, próximo a Roma, uma bela propriedade.

HOLLYWOOD

★ Depois da série interminável de filmes bíblicos, eis agora os históricos. Anuncia-se "Carlos Magno" — com Robert Taylor no protagonista — e "Anibal de Cartago".

★ E Montgomery Clift vestirá novamente a batina. Depois do êxito de Monty em "A tortura do silêncio", de Hollywood — atacada do complexo de Don Camillo — transformará outra vez em padre o jovem ator, em "The leather saint".

★ Bette Davis parece disposta a voltar, como a rainha Elizabeth da Inglaterra no "Sir Walter Raleigh", que interpretará Richard Burton. E, em Londres, ofereceram-lhe a bagatela de 125.000 dólares se ela encarnar a heroina de "A história de Esther Costello".

★ Tudo em paz agora entre os estúdios da Fox e Marylin Monroe. A "estrêla" nº 1 de 1953 foi acolhida com alegria pelos "bosses", que lhe reservaram o papel principal de "No business like show business".

FRANÇA

★ Eis como Cayatte definiu a censura: "O meio mais perigoso que encontraram os hipócritas para defender os imbecis". "Cayate anda às voltas com a dita cuja, por causa de seu discutido filme "Avant le déluge".

★ E Marina Vlady, encantadora "estrêla" do filme de Cayatte, numa recepção no último Festival de Cannes, onde ela centralizava as atenções perguntava, com os olhos redondos de espanto, aos que em volta dela se comprimiam: "Um Festival, é sempre assim?"

★ Etchika Choureau, a revelação de "Les enfants de l'amour", será uma empregadinha em "L'escalier de service", o novo filme de Carlo Rim. Os outros personagens e intérpretes são, um empresário amalucado — Mischa Auer, um autor dramático e uma atriz, sua espôsa — Robert Lamoureux e Danièlle Darrieux, respectivamente.

INGLATERRA

★ "Stars of India" é o título de um filme de corsários cuja história se desenrola no tempo de Luiz XIV. O herói é Cornel Wilde e, no "suporting cast" — muito internacional — figuram os nomes de Jean Wallace, Herbert Lom, Yvonne Samson, Basil Sidney e John Slater.

★ "Devil from Mars" marca o início das aventuras interplanetárias no cinema britânico. O filme, que será dirigido por David Mac Donald, conta a história de um ditador marciano que é expulso para a Terra, e aqui chega sem conseguir compreender a fraqueza humana.

(Cont. na pág. 34)



Quando Joan Elan, uma «descoberta» da Paramount, ensaiava uma cena de «Pleasure Island» na qual deveria caminhar em cimento ainda mole, êste endureceu demais e Gene Barry aproveitou a ocasião para brincar um pouquinho no estúdio.

SUMÁRIO

REPORTAGENS ESPECIAIS

Vitoriosos do 1º Semestre 4
Melhores de Todos os Tempos 6
Grandes Vultos: Chaplin 10
Abalou Hollywood! 14
Carol Reed 16
O Fantástico nas Imagens 20
Montgomery Clift 22

SEÇÕES PERMANENTES

De Todo o Mundo 3
«Ballet» — O 3º Festival 18
Cinema Brasileiro 24
Concurso de «Reprises» 25
A Nossa Capa 26
Pré-Estréias 27
Cartazes em Revista 28
Cine-Respostas e Página do Leitor 32

OS VITORIOSOS DO 1.º SEMESTRE

MELHORES FILMES, DIRETORES, INTÉRPRETES, ETC.

JONALD, exclusivo para "A CENA"

Graças ao contrôle crítico que vem sendo observado na orientação de "A CENA" no 1.º semestre torna-se possivel apresentar a resenha dos melhores, na primeira metade do ano. O serviço de pré-estréias, com as críticas antecipadas do Rio e São Paulo revela que nos lançamentos finais do semestre há um único filme de importância: "O homem do terno branco", aliás em exibição. Os poucos que faltavam para serem analisados não alteram a classificação abaixo.

Cumpre notar que o critério foi baseado nos lançamentos efetuados para o grande público na capital do país. Todos os filmes comentados em "Pré-estréias" do Festival Internacional de São Paulo ou nos da Metro e Art Filmes que não tenham tido ainda o lançamento livre no Rio não são, é claro, comentados no presente trabalho.

OS MELHORES FILMES

1.º — "BRINQUEDO PROIBIDO" ("Jeux Interdits", França). Recebeu cinco pontos, excepcional, e é uma das mais lindas obras-primas do cinema, nas suas várias fases. Baseado em um romance de François Boyer reflete uma elevada simbologia, através de duas crianças, contra os grandes erros coletivos dos adultos. Poesia nostálgica, é certo, mas altamente construtiva através da direção de René Clement.

2.º — "SOMOS TODOS ASSASSINOS" ("Sommes tous des assassins", França). Foi o segundo e último filme que recebeu a classificação máxima de cinco pontos, excepcional. Baseado em fatos verídicos, escritos e cenarizados por um cineasta (André Cayatte) que se propôs a reunir, em conteúdo e forma, grandes mensagens para o mundo. Representa um dos maiores libelos que o cinema produziu contra o desacêrto na aplicação das leis dos homens e das mais impressionantes obras de arte da tela.

3.º — "MARTÍRIO DO SILÊNCIO" ("Crash of Silence", Grã-Bretanha). Uma obra que dignifica o cinema. Profundamente humano e sincero não foi apenas o terceiro filme de um semestre mas um dos melhores dos últimos tempos. De poderosa observação psicológica, nas pequenas minúcias e nas personagens apresentou o diretor Alexander Mackendrick também ensinamentos de rara beleza em tôrno da solidariedade humana.

4.º — "CARROSSEL DA ESPERANÇA" ("Jour de Fête", França). Um surpreendente filme que revelou mais um autêntico gênio para o cinema. Jacques Tati escreveu a história, foi o autor do roteiro e principal intérprete dêste grande trabalho, desconcertante e inédito em muitos dos seus aspectos. Como se fôra uma réplica francesa ao neo-realismo italiano há uma prodigiosa naturalidade, muita alegria e magistral ritmo.

5.º — "OS BRUTOS TAMBÉM AMAM" ("Shane", Estados Unidos, Paramount). Embora o primitivismo e a rudeza das personagens há um incomum vigor descritivo e constantes e simbólicas fugas para o pictórico da natureza. George Stevens conseguiu impor a suficiente profundidade para o filme merecer ser considerado um dos mais destacados filmes do padrão "western" do cinema falado.

6.º — "NÁPOLES MILIONÁRIA" ("Napoli Milionaria, Itália). Um beco de Nápoles serve de panorama à história. Como se fôra uma espécie de diário das vidas que nêle se agitam reflete um sentido humano misto de drama e alegria. Na parte íntima, as criaturas expressam também o declínio moral em que a guerra arrasta os sêres da Terra. Eduardo de Filipo fci o autor da peça, intérprete e excelente diretor.

7.º — "ROMA ÀS 11 HORAS" ("Rome ore 11", Itália). Uma tragédia que realmente ocorreu em Roma, um desabamento de um prédio, vitimando muitas moças, candidatas a um modesto emprêgo serviu de base tanto para êste ótimo filme quanto para "Três histórias proibidas". O conteúdo dêste, inegàvelmente superior, vive de uma sutil crítica social, através da correta e realista direção de Giuseppe de Santis.

8.º — "A CRUZ DE MINHA VIDA" ("Come Back Little Sheba", Estados Unidos, Paramount). Embora a transposição da célebre peça de William Inge tivesse sido fiel ao texto, sendo, portanto, teatral o desenvolvimento da direção de Daniel Mann (o mesmo orientador da Broadway) ficou a lembrança de uma fôrça humana, simples e muito real.

9.º — "O HOMEM DO TERNO BRANCO" (Grã-Bretanha). Uma sátira social, de irreverência tão típica quanto deliciosamente britânica. Por intermédio de uma divertida situação são ironizadas uma série de leis e costumes com uma marcante personalidade revelada pelo diretor.

10.º — "ÚLTIMA FELICIDADE" ("Ellen n'a dansé qu'un un seul été", Suécia). O grande prêmio da novela nórdica de 1950, de autoria de Per Olov Ekstrom, transformado em um dos belos filmes do primeiro semestre. De características muito pessoais e de admirável feitura, pró-



2º filme do semestre: «Somos todos assassinos» (França Filmes).

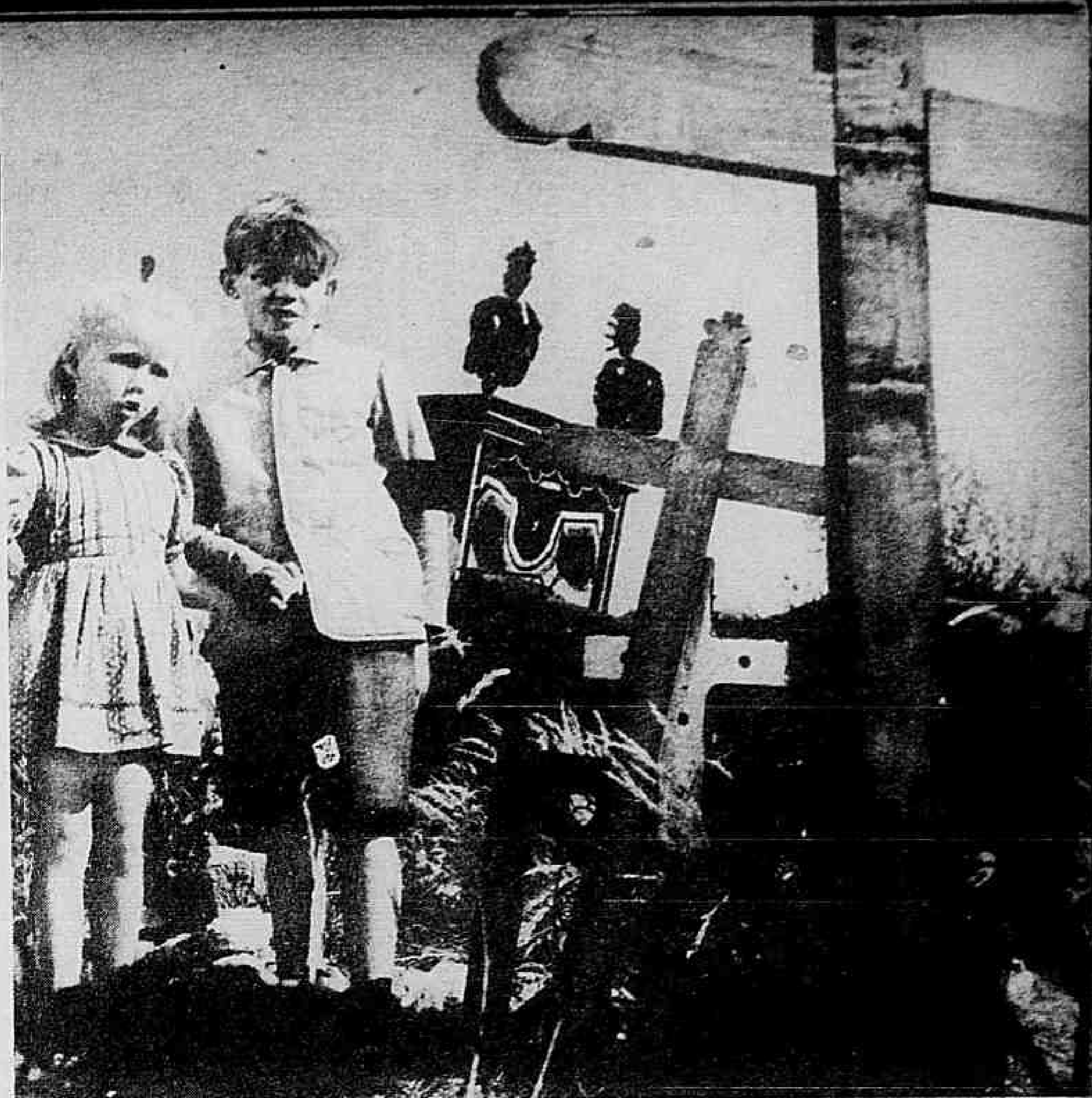


Melhor filme brasileiro: «Luz apagada»; melhor atriz: Maria Fernando.



O 4º do semestre: «Carrossel da esperança» (França Filmes).

O melhor do semestre: «Brinquedo proibido». Melhor atriz (Brigitte Fossey), direção, autor de roteiro e música.



prias ao atual cinema sueco mostra um impressionante clima dramático-poético.

Como vêem, entre os 10 melhores da primeira fase do ano, três são de origem francesa, dois britânicos, dois norte-americanos, dois italianos e um sueco. Segue-se uma lista de destaques positivos, merecedores de referências.

"Amôres de apache" (de Jacques Becker, França). Os saltimbancos" (Elia Kazan, 20th. C. Fox), "A guerra dos mundos" (Byon Haskin, Paramount), "Aprendendo a ser homem" (Gordon Parry, Grã Bretanha, um "bólide"), "Os 5.000 dedos do Dr. T" (Roy Rowling, Columbia), "Júlio César" (Joseph Mankiewicz, Metro). "O pequeno mundo de Don Camilo" (Jullien Duvivier, Itália), "Sua Magestade o sr. Carloni" (Alessandro Blassetti, Itália), "Crimes da alma" (Michellangelo Antonini, Itália), "Ídolo dourado" (David Miller, Columbia, outro bólide), "Mar cruel" (Charles Frend, Grã Bretanha), "Os último cinco" (de Arch Oboler, Columbia, outro "bólide"), "Muralhas de esperança" (Maxwell Shane, Metro), "Tributo de sangue" (William Dieterle, Paramount), "O preço de um homem" (Anthony Mann, Metro), "Leito nupcial" (Irving Reis, Columbia),, "A última sentença " (Mário Bonnard, Itália), "Páscoa de sangue" (Giuseppe De Santis, Itália), "A volta da perdida" (Luigi Zampa", Itália) e "As duas verdades" (França).

A EXTRAORDINÁRIA CONTRIBUIÇÃO INFANTIL

Antes de passar aos comentários sôbre os melhores intérpretes do semestre convém expor que, num único semestre nenhuma temporada revelou tantos e tão excepcionais desempenhos infantis. Brigitte Fossey em "Brinquedo proibido", que nenhuma atriz adulta conseguiu superar, Mandy Miller, outro gênio na menina surda de "O martírio do silêncio". John Howard Lavies, já consagrado em "Oliver Twist", em outro magistral desempenho em "Aprendendo a ser homem" (estreado no Cine Íris!), o não menos extraordinário garôto John Whiteley em "Devoção de assassino".

Ainda, no mesmo nível, estão os menores Georges Poulounjy, o companheiro de Brigitte Fossey em "Brinquedo proibido" ou o maltrapilho de "Somos todos assassinos") e o naturalíssimo John Whiteley em "Devoção de assassino". Todos grandes atores, não apenas em relação à idade mas paralelamente aos maiores!

AS MELHORES ATRIZES

1.ª — BRIGITTE FOSSEY em "Brinquedo Proibido"; 2.ª — MANDY MULLER em "Martírio do Silêncio"; 3.ª — SHIRLEY BOOTH em "A Cruz de Minha Vida"; 4.ª — LUCIA BOSÉ em "Crimes da Alma", "Páscoa de Sangue" e "Roma às 11 Horas'; 5.ª — JEAN SIMMONS em "A Rainha Virgem'"; 6.ª — ANNA MARIA FERRERO em "As duas Verdades"; 7.ª — ULLA JACOBSSON em "Última Felicidade"; 8.ª — DOLORES DEL RIO — "Coração nas Trevas"; 9.ª — GLORIA GRAHAME em "Os Saltim-

(Continua na pág. 33)



«Martírio do silêncio», o 3º filme do semestre, Grã-Bretanha.

Outro dos 10 melhores do semestre: «Cruz da minha vida» (Paramount), com Shirley Booth na segunda atriz da metade do ano.





O 5º filme do semestre: «Os brutos também amam» (Paramount).



«Flores do Pó» (Metro), de Mervyn Le Roy, com Walter Pidgeon e Greer Garson.

OS MELHORES FILMES DE TODOS OS TEMPOS

DE JONALD, EXCLUSIVO PARA "A CENA"

(Continuação dos números anteriores)

A V I S O

O autor dêste retrospecto lamenta interromper, no presente número, a série que tanto interêsse vinha despertando. Os motivos estão publicados na página três desta revista e estamos certos de que os leitores compreenderão as circunstâncias. Entretanto, durante a nossa estada na Europa, em contato com filmotecas e museus, pretendemos não apenas escrever idêntica evocação, estensiva ao cinema silencioso, mas, igualmente, terminar o trabalho em tôrno do cinema falado. Todos êsses escritos serão reunidos em uma publicação que deverá aparecer nas livrarias em meados do próximo ano de 1955. Um dos objetivos da atual evocação, o confronto do ponto de vista que vinha sendo mantido perante os filmes da atualidade, vem de ser parcialmente cumprido com a minuciosa resenha dos melhores do 1.º semestre do corrente ano, publicada neste número, nas páginas 4 e 5. Agradecemos aos leitores o precioso apoio e estimulo em tôrno destas páginas.

1 9 4 3 (FINAL)

9.º — "SER OU NÃO SER" ("To Be or Not To Be", United). A melhor comédia do ano foi outro personalíssimo filme do saudoso e inimitável Ernest Lubitsch. Não sòmente exaltou a finura de Carole Lombard como também revelou Jack Benny, até então considerado um comum ator, em grande comediante. Extraordinárias tôdas aquelas passagens no teatro, em que Benny recitava Shakespeare.

10.º — "SARGENTO YORK" ("Seargeant York"), Warner). As normas de Deus e as da guerra em um confronto de profundidade com trechos poéticos e simples. Howard Hawks, em um dos seus mais louváveis filmes, conduzindo Gary Cooper, Joan Leslie e Walter Brennan.

Em nível artístico pràticamente igual aos dos últimos celulóides mencionados da seleção dos dez melhores do ano e formando outro impacto há, pelo menos filmes em condições de igualdade, conforme veremos:

"CASABLANCA" (Warner). Um trabalho que, se visto na época atual interessaria menos, pois foi francamente imitado, teve os seus méritos no período do seu primi-



«O Sabotador» (Universal), de Alfred Hitchcock, com Robert Cumings e Priscilla Lane.

«Longa viagem de volta» (United), de John Ford, com Ian Hunter e Thomas Mitchell.



«Lôbo do Mar» (Warner), de Michael Curtis, com John Garfield, Ida Lupino e Edward G. Robinson.



tivo lançamento. Michael Curtiz dirigiu com muita precisão, criando boa atmosfera, e Ingrid Bergman, Humphrey Bogart, Claude Rains e Peter Lorre contribuíram para o êxito; "NA NOITE DO PASSADO" (Metro). Um caso de anésia descrito com emoção e sentimento por Mervyn Le Roy. Houve certa influência, nos trechos poéticos, do produtor Sydney Franklin. Ronald Colman, em uma das suas perfeitas atuações, ao lado de Greer Garson; "SEIS DESTINOS" (United). A história de uma casaca, dividida em seis diferentes e magníficos contos. Julien Duvivier, que sempre sentiu inclinação pelo congraçamento de diferentes histórias, realizou um trabalho de valor sem, entretanto, demonstrar a perfeita ambientação que encontraria adiante, em "Mistérios da Vida". Edward G. Robinson, Charles Laughton, Rita Hayworth, Charles Boyer, Henry Fonda, Ginger Rogers, enfim um notável elenco; "PARA SEMPRE E UM DIA" (RKO). Outro admirável filme episódico, com diferentes diretores (René Clair, Julien Duvivier, Frank Lloyd) conduzindo um dos maiores elencos de "astros" que se reuniram em uma tela: Ray Milland, Charles Laughton, Merle Oberon, Ida Lupino, Mauren Ó Hara, Susan Hayward, Robert Cummings, Buster Keaton, Anna Neagle, Jessie Mathews, Sir Cedric Hardwick, Ian Hunter, Wendy Barrie (a "estrêla" de "Pigmalion"), Brian Aherne, Kent Smith, Robert Benchley, etc.; "E A VIDA CONTINUA" (RKO). Inspirado na peça "The Talk of the Town", o cineasta George Stevens obteve um grande filme e perfeitos desempenhos de Ronald Colman, Gary Grant, Jean Arthur e Glenda Farrel; "ORIGINAL PECADO" (RKO). De uma comédia teatral, "The More the Merrier", o mesmo George Stevens realizou outro dos mais destacados filmes do ano, novamente orientando Jean Arthur, ao lado de Charles Coburn e Joel Mac Crea; "POR UM IDEAL" (Grã-Bretanha). A biografia de Michel, o inventor do "Sptfire", uma descoberta a que se dedicou desde o ano de 1922. Invulgarmente dirigido por Leslie Howard, marcou impressionante coincidência do Destino. Na verídica história, Leslie orientou a trágica cena da morte de Mitchell em um ataque inimigo aéreo. Pouco tempo depois, o mesmo e grande Leslie Howard morria também, em viagem aérea, em um ataque nazista, ao longo do Golfo de Biscáia; "ESTA TERRA É MINHA" (RKO). De Jean Renoir, já ambientado em Hollywood, em dramática história anti-nazista, outro dos marcantes trabalhos de cinema do ano. Charles Laughton, George Sanders, Maureen O'Hara e Kent Smith apareceram com destaque; "SETE NOIVAS" (Metro), de Frank Borzage dirigindo com muito sentido humano e, por vêzes, em meio de sadio e fino humorismo. Filme de valor, com naturais desempenhos de Van Heflin, Kathryn Grayson, Marsha Hunt, Cecilia Parker e outros; "RELÍQUIA MACABRA" (Warner). Excelente filme de "suspense" revelando um novo e grande diretor para a época: John Huston. Em homenagem ao seu filho, Walter Huston apareceu em uma "ponta" a fim de prestigiá-lo. Humprey Bogart, Peter Lorre, Sidney Greenstreet, Mary Astor, Gladys George, conduziram-se com muito relêvo; "COM UM PÉ NO CÉU" (United). Através de história que focalizava a vida íntima de um vigário protestante, Irving Rapper



«Na noite do passado) (Metro), de Mervyn Le Roy, com Ronald Colman e Greer Garson.



«Ser ou não ser» (United), de Ernest Lubitch, com Jack Benny e Carole Lombard.

«Para sempre e um dia» (RKO), de René Clair, Duvivier e Frank Lloyd, com Robert Cummings, Merle Oberon e grande elenco.



«E as luzes brilharão outra vez» (RKO), de Robert Stevenson, com Paul Henreid e Michèle Morgan.



«Invasão de bárbaros» (Columbia), de Michael Powell, com Laurence Olivier, Leslie Howard e Anton Walbruch.



conseguiu um belo filme. Forte contribuição prestaram Fredrich March e a suave heroína de "Nossa Cidade": Martha Scott; "UM GÔSTO E SEIS VINTÉNS" (United). Baseado em novela de Somerset Maughan foi um celulóide de feitura psicológica, para determinado público. Outro merecimento está no fato de ter biografado o estranho pintor Gaughin, respeitando a verdade em tôrno da sua vida. Albert Lewin foi o diretor e George Sanders (no pintor), Florence Bates, Doris Dudley e David Loew estiveram excelentes; "TENSÃO EM CHANGAI" (United). A peça de John Colton, que transcorre fixando o exotismo do Oriente, passou ao cinema com destaque por causa da atmosfera obtida pelo diretor Sternberg. Outro fator de realce foram as atuações de Walter Huston, Gene Tierney, Ona Munson e até mesmo Victor Mature; "VOLTA AO LAR" (França). Uma novela de Vicky Baum e uma correta direção de Henri Decoin, nesse filme de antes da guerra. Jacques Dumesnil, Pierre Dux, Danielle Darme colaboraram eficientemente; "MOGLI, O MENINO LÔBO" (Grã-Bretanha). O livro "The Jungle Book" em uma bela passagem à tela. Zoltan Korda foi um cineasta de recursos e Joseph Calleia, Sabu, Rosemary De Camp, Frank Puglia muito corretos; "JORNADA DE PAVOR" (RKO). Sabe-se que Orson Welles influiu muito na direção dêste filme, assinado por Norman Foster. Apesar da sua estranha atmosfera, alguma coisa ficou sem um positivo esclarecimento. A história começava na Turquia (Mar Negro) e terminava no Báltico (Rússia). Eficientes as "performances" de Orson, Joseph Cotten e Agnes Moorehead; "OS FILHOS DE HITLER" (RKO). Intenso filme anti-nazista, muito bem dirigido por Edward Dmytrick. Foi baseado no livro "Educando para a morte", portando-se muito bem o elenco com Tim Holt, Bonita Granville, Otto Kruger e H. B. Warner; "BOÊMIOS ERRANTES" (Metro). De John Steinbeck resultou em discutido filme, de autoria de Victor Fleming mas com reais méritos. John Garfield, Spencer Tracy e Heddy Lamarr em bons desempenhos; "OS COMANDOS ATACAM DE MADRUGADA" (Warner). Outro filme do "ciclo" da guerra que teve o seu destaque. Direção de John Farrow, com Paul Muni, Lillian Gish; "SATÃ JANTA CONOSCO" (Warner). Deliciosa comédia que, embora de vínculo teatral, foi sàbiamente orientada por William Keighley com Bette Davis, Monty Wooley e Ann Sheridan; "FOGO SAGRADO" (Metro). Outra notável lição de humorismo, direção de George Cuckor, com Spencer Tracy e Katharine Hepburn; "ABANDONADOS" (20th. C. Fox). Outro filme da seqüência anti-nazista, direção de Irving Pichel, aproveitando bem a novela de Nevil Shute, com Anne Baxter, Monty Wooley, Ruddy Mac Dowell e Irving Pichel.

1 9 4 4

O panorama geral apresentou diversas circunstâncias de relêvo. Em meio do seu transcurso, o epílogo da segunda guerra mundial veio criar novo alento pois se reabriram as portas para os mercados europeus que tinham ficado ausentes nos anos anteriores. Porém, a produção americana daquela época, em matéria de qualidade foi excepcional. Diversas e preciosas obras-primas e outros admiráveis filmes estrearam simultâneamente. No Rio de Janeiro houve um outro fato que significaria evolução: os principais cinemas passaram a lançar simultâneamente. A medida, que foi ditada por uma questão de economia de filmes — temia-se o agravamento da crise de importação, tanto que se "reprisava" muito — forneceu tão bons resultados financeiros, que, até à presente data ainda é posta em prática. Ainda como destacável motivo, houve o "climax", em matéria de quantidade, no tocante aos filmes de guerra. No final do ano as estatísticas acusavam em mais de trinta por cento da produção geral americana exibida como inteiramente consagrada aos celulóides em tôrno do conflito mundial.

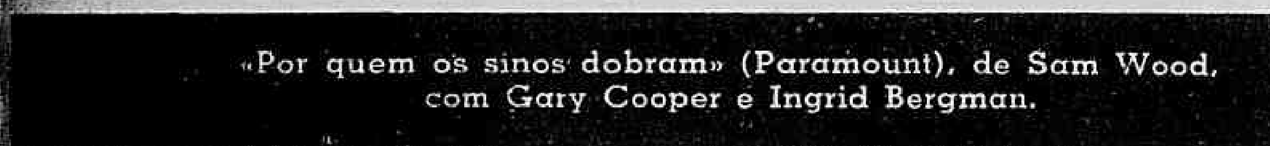
1.º — "UMA VOZ NA TORMENTA" ("Voice in the wind", United). Um prodigioso filme. O cineasta que o realizou era, até então, desconhecido. Arthur Rippley, que começou como pequeno auxiliar de corte e passou a montador sempre teve o sonho de dirigir um filme. Reuniu uma série de economias, fundou uma pequena companhia e orientou essa obra-prima. Tão grande que, anti-comercial, levou a companhia à falência. Alguns anos mais tarde voltou a dirigir, em outras companhias, sem qualquer liberdade, e lhe entregaram alguns filmes de simples



«Consciências mortas» (20th. Cent. Fox), de William Welman, com Henry Fonda, Dana Andrews e outros.



«Jane Eyre» (20th. Cent. Fox), de Robert Stevenson, com Orson Welles e Joan Fontaine».



«Por quem os sinos dobram» (Paramount), de Sam Wood, com Gary Cooper e Ingrid Bergman.



bilheteria que resultaram em produções banais e, também assim desapareceu. Surgiu, enfim, como um meteóro e, da mesma maneira, se foi. E até o seu imenso filme teve o mesmo destino pois passou despercebido no Rio, relegado a cinemas de categoria inferior. O filme passava-se nos arredores de um pequeno pôrto de mar, de ambiente sombrio, de ruas pobres e mal iluminadas. A história contava o drama de um ex-pianista que procurava recobrar a memória. Emitia imprecisos acordes ao piano e as reminiscências despontavam, imprecisas, perturbadas como a sua imaginação. Ignorava o mundo exterior e as imagens procuravam fixar êsses limites, através das suas vagas recordações. O clima do pôrto era inóspito, o vento e a névoa ininterruptos simbolizando o estado d'alma da personagem. E, continuamente, houvia-se os angustiados sons das sirenes dos navios que procuravam atracar. Poucas vêzes o sôpro do trágico, digno de ser descrito por um eminente escritor, foi tão bem fixado na tela, impressionando fortemente. Francis Lederer, um extraordinário ator, estêve soberbo neste papel e Sigrid Gurie na criatura dos seus sonhos, deixou outra forte lembrança.

2.º — "A CANÇÃO DE BERNADETE" ("Song of Bernadette", 20th. C. Fox). Outro imortal filme, de gênero altamente construtivo. Tão grande foi a mensagem e arte das imagens que expressaram o livro de Franz Werfel que, embora as crenças individuais diversas, a todos envolvia com o seu halo de excepcional beleza. A poesia e o encanto do conteúdo se reunia com a invulgar forma obtida na direção de Henry King, na sua máxima realização na tela. Seguindo as lembranças, verdadeiramente inesquecíveis, o desempenho de Jennifer Jones na Santa Bernadete foi outra preciosidade. Em outros os de Lee J. Coob, Ruman Bohen e Vincent Price. Foi o melhor filme de base religiosa no cinema falado.

3.º — "CONSCIÊNCIAS MORTAS" ("Of Box Incident", 20th. C. Fox). Um libelo contra os terríveis erros dos julgamentos pela massa, o bárbaro linchamento e morte dos acusados. A atmosfera da genial direção de William Wellmann, propositadamente sombria, foi de densidade emotiva de causar choque pelo barbarismo da involução humana. As seqüências finais, com o arrependimento coletivo, pela injustiça da execução cometida chegaram ao patético. Henry Fonda, Dana Andrews os melhores de grande elenco.

4.º — "FRANÇA ETERNA" ("Untel Pere et Fils", França). O ressurgimento do cinema francês deu-se com um extraordinário filme de Julien Duvivier. Nos moldes de "Cavalcade", mas sem imitá-lo, quatro gerações se sucediam. O avô defende Paris das fôrças de Bismark; o neto luta contra as do Kaiser e o bisneto contra o exército de Hitler. Um prodigioso elenco: Raimu, Louis Jouvet e Michelle Morgan nos principais papéis.

5.º — "MISTÉRIOS DA VIDA" ("Flesh and Fantasy", Universal). Sem dúvida, o valor dêste filme tem igual plano com a grande maioria dos relacionados neste invulgar ano artístico para o cinema. Julien Duvivier, já ambientado com Hollywood, obteve uma obra-prima no campo da sua predileção: diversos contos reunidos. Abordando impressionantes casos de psicologia experimental, prodigalizou belos ensinamentos. A genial Betty Field e Robert Cummings interpretaram o melhor dos episódios. Entretanto, a seqüência das profecias de um outro, o interpretado por Edward G. Robinson e Anna Neagle ou, também, o caso espírita do episódio de Charles Boyer e Barbara Stanwyck mantiveram a classe do grande filme.

6.º — "MADAME CURIE" ("Madame Curie", Metro). Fiel transposição da auto-biografia de Eva Curie foi um belo filme de mensagem para o mundo. O desprendimento e espírito de sacrifício dessas espirituais vidas foram expostos em outro excepcional filme, dirigido por Mervyn Le Roy. Jamais Greer Garson e Walter Pidgeon apareceram tão expressivos e humanos quanto nesta realização. Infelizmente, na atualidade, os estúdios relegam a revivescência de preciosas vidas cujos exemplos tão úteis são à humanidade.

7.º — "ENDERÊÇO DESCONHECIDO" ("Adress Unknow", RKO). William Cameron Menzies, um dos maiores planificadores da parte estética dos filmes, o cineasta que contribuiu para a áurea fase de Sam Wood, vem figurando nesta resenha, também como diretor, conforme ocorreu, com o seu impressionante "Daqui a 100 anos" (Grã-Bretanha). Em Hollywood esta foi a sua melhor

(*Continua na pág.* 31)



«A canção de Bernadette» (Fox), de Henry King, com Jennifer Jones



«Mistérios da vida» (Universal), de Julien Duvivier, com Charles Boyer e Barbara Stanwick.



«Enderêço desconhecido» (Columbia), de William Cameron Menzies, com Paul Lukas.

OS GRANDES VULTOS DA
ATUALIDADE E DO PASSADO

XIII - CHARLES CHAPLIN

de L. BOLTSHALSER para "A CENA"

Em homenagem ao sr. R.R. Quevedo, que escreveu uma síntese sôbre a infância e dos tempos de "musical" de Chaplin, o autor deixa de comentar esta fase da sua vida que se acha publicada na página 32 do presente número.

«Em etapa mais decisiva da sua carreira, no estúdio de Mack Sennett, Chaplin encontrou um ambiente hostil. Foram dias tristes, êstes primeiros passados entre os novos companheiros, que o tratavam como intruso e os diretores que o boicotavam. Chaplin conta: «Via os outros atores designarem-me com o dedo como «o pequeno comediante inglês» que o patrão mandara chamar; e compreendi que duvidavam bastante de que eu fôsse engraçado».

Mas, determinado a vencer, procura ignorar os demais. E é o próprio Mack Sennett quem fá-lo estrear sob as ordens de Henry Lehrman — um homem que fizera de tudo na vida, de condutor de ônibus, a figurante e conselheiro de vestuário de David Griffith. Os resultados da primeira experiência cinematográfica de Charles Chaplin não agradaram nada a Sennett, deveras decepcionado com o novo pupilo. Não gostara da maquilagem, da indumentária, e muito menos do estilo do comediante, inteiramente diverso do que já se tornara tradição nos estúdios californianos: pastelão, tombos, correrias, etc. Chaplin trazia, da pantomina inglêsa, a finura e a profundeza, in-



O tragi-cômico de «Em busca de ouro» em uma das suas mais célebres cenas.

compreendidas por Sennett. Entretanto, daria ainda outra «chance» ao comediante. E, em Sta. Mônica, Chaplin, já então como o vagabundo, mistura-se às crianças numa corrida de automóveis, improvisando a mocidade à medida que vão filmando. O resultado é «Kid's auto races» realizado em um dia, que agradou a Sennett tanto quanto seu predecessor — «Making a living». Decididamente Mr. Chaplin não tem jeito para a coisa, e a solução é a rescisão do contrato. Mas o comediante, que





Contrastando com a moderna fase ao lado, três exemplos de velhos filmes de Chaplin. À esquerda, ao lado de Jackie Coogan em «O garôto». Ao centro, na Essany, em 1916, com Ben Turpin. À direita, no célebre «Ombro, armas!»





Com Claire Blosson em «Luzes da ribalta», o seu último filme.

sentia-se tolhido pelos diretores com quem trabalhava, apresenta uma contra-proposta: que lhe dessem carta branca na realização de seus filmes, e êle mostraria do que era capaz. Sennett resolve arriscar-se, e o «pequeno comediante inglês» triunfa! Trabalhava ativamente na Keystone, de janeiro de 1913 a fins de 1914, realizando cêrca de quarenta filmes curtos, filmados em apenas uma semana.

Nestes filmes assiste-se ao surgimento das atitudes familiares de Carlitos, uma a uma, a saudação rápida com o chapéu, a agilidade da bengalinha... Outrossim, estas obras caracterizam-se pela comicidade puramente visual, independente da trama, e a redução dos letreiros a um mínimo estritamente necessário. Já então, Carlitos contrasta com seus companheiros por ser mais estilizado, e também por sua sobriedade.

A série da Keystone constituiu para Chaplin o seu aprendizado, uma sucessão de experiências, quando êle ainda estava à procura de uma linguagem ideal para exprimir seus pensamentos. A profundeza, o caráter interior de sua obra não deixarão de crescer, ao mesmo tempo que a comicidade direta, ingênua das primeiras películas vai desaparecendo.

Terminado seu compromisso com a Keystone, Chaplin assina com a Essanay um contrato que o obriga a realizar uma série de filmes em duas partes, recebendo por êsse trabalho cêrca de 1250 dólares semanais. Indo a S. Francisco para iniciar as filmagens de «His new job», Chaplin vem a conhecer Edna Purviance, e oferece-lhe imediatamente um lugar no cinema, que ela aceita. Edna foi, conforme Chaplin definiu, «colaboradora por muitos anos, a amiga mais fiel, devotada e inteligente que conheci».

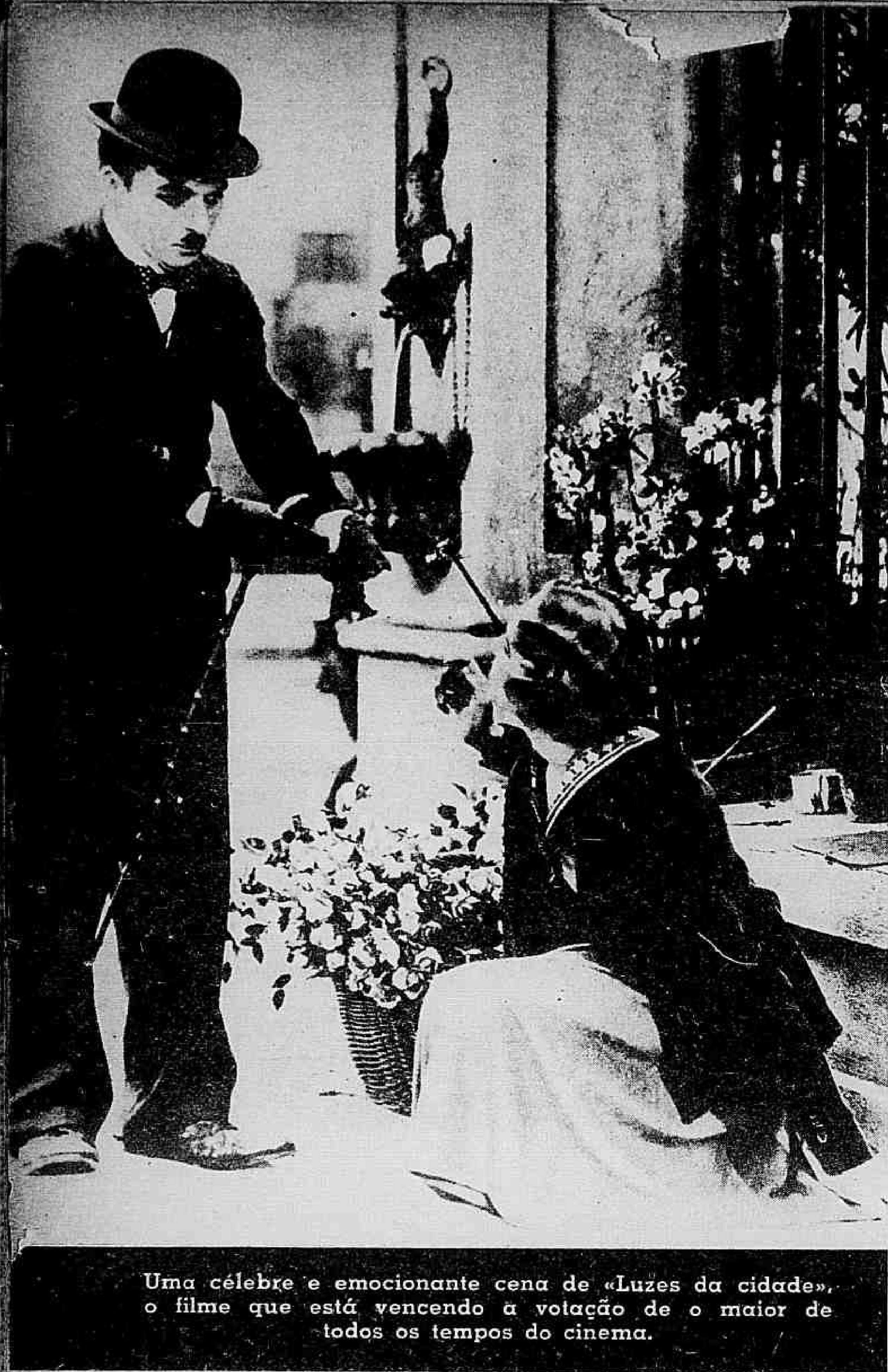
Nos filmes da Essanay já encontramos, sob uma aparência de pura comédia, um fundo de filosofia e um sentido dramático real. Entretanto, a intenção de Chaplin é a de — pura e simplesmente — fazer rir. Diz Leprohon: «Se já se encontra nelas um pensamento amargo é que são inspiradas diretamente na vida». Aqui, Chaplin começa a demonstrar aquela leveza, aquela fantasia que iria caracterizar tôda a sua obra. Já se assiste àquela participação dos objetos na ação, a uma verdadeira humanização dos acessórios e ao mesmo tempo, à redução das figuras humanas à condição de meros fantoches.

Na Mutual, Chaplin realizou doze filmes em duas partes, sempre ao lado de Edna Purviance. Sua comicidade refinou-se; abandonando as insistências, as repetições, por invenções onde, vez por outra, já se faz sentir a genialidade (de que êle próprio é inconsciente). Chaplin começa também a dispensar cuidadosa atenção ao «décor», êle que até então só se preocupava com os acessórios. Agora, num traço rápido, com o auxílio dos cenários, êle consegue criar um conjunto de alta caricatura. Neste cenário êle dispõe seus personagens, delineados imprecisamente na série da Essanay e que então adquirem seu justo valor: o vagabundo Carlitos, Edna Purviance, a jovem terna e indefesa, o vilão — Eric Campbell — cuja fôrça é uma constante ameaça pesando sôbre a fragilidade do vagabundo. Na série da Mutual afirma-se o mais precioso dom de Chaplin: a fantasia poética, dando por vêzes margem à demonstração de suas habilidades de dançarino acrobata. A dança aparece freqüentemente como a finalização lógica de um gesto, nestes pequenos filmes. O caráter de Carlitos já se desenha, em linhas gerais, na sua forma definitiva.

Em poucos anos, Chaplin conquista aquilo por que tanto ansiara — não a glória ou a fortuna — mas a independência. Sempre tinha inteira liberdade na realização de seus filmes. E quando trocou a Mutual pela First National, foi nas mesmas condições excepcionais que aceitou de realizar oito filmes no espaço de dezoito meses. Nas películas da First National, Chaplin revela, pela primeira vez, qualidades interiores até então insuspeitadas. Em «Vida de cachorro» exprime a miséria numa ironia amarga, numa pintura satírica; o vagabundo atinge aí um valor simbólico nunca antes tocado: é a própria imagem da miséria e da fraqueza. E' nesta série que encontramos, lado a lado, a fantasia feérica de «Um lado ensolarado», a sátira guerreira de «Ombro armas», o humanismo profundo de «O garôto», e o sentido burlesco de «Dia de pagamento».

Em «Monsieur Verdoux», a mais notável personagem representada por Chaplin.





Uma célebre e emocionante cena de «Luzes da cidade», o filme que está vencendo a votação de o maior de todos os tempos do cinema.

Da First National Chaplin passa à sua própria emprêsa, a United Artists, que êle fundara com Mary Pickford, Griffith e Douglas Fairbanks em março de 1920. Seu último filme para a National foi «O peregrino», onde êle extravasa sua veia satírica contra o puritanismo anglo-americano. E, abandonando temporàriamente a comédia, Chaplin dirige seu primeiro filme para a United, onde êle não aparece como ator — «Uma mulher de Paris». Drama pesado mas sóbrio, onde êle exprime com invulgar segurança o patético humano, «Uma mulher de Paris» resultou numa obra de um pessimismo sem igual, de uma ironia mordaz e cruel — em resumo — um trabalho perfeito. Completo fracasso financeiro...

Depois de hesitar entre «Hamlet» e um «Palhaço», Chaplin escolhe o assunto para seu próximo filme: o êxodo dos mineiros de ouro para o Alaska. «Em busca de ouro», uma sinfonia em prêto e branco de rara beleza visual, é uma das obras de maior riqueza de sentimentos humanos dentre tôdas de Chaplin. Nunca se viu dantes comédia assim, onde as cenas mais cômicas são justamente aquelas em que a tragédia interior é mais intensa. E o famoso bailado dos pãezinhos fica, ao lado do sermão de David e Golias de «O peregrino», um dos mais belos instantes que nos ofereceu a mímica prodigiosa de Chaplin.

Falou-se em «Napoleão» e em «Cristo» que seriam levados à tela por Chaplin. Mas êle já preparava o argumento de «O circo» (até hoje êle ainda pensa em filmar um «Cristo») e lançou-se com entusiasmo no novo trabalho. O escandaloso processo de divórcio de Lita Grey suspendeu as filmagens, e, quando Chaplin, uma vez resolvido os problemas de sua vida doméstica, volta ao estúdio era «um homem envelhecido de vinte anos». Isso explica a tristeza de «O circo», uma tristeza, uma solidão contra a qual o vagabundo não ousa reagir, e aceita com paciente resignação. Carlitos perdeu aquêle entusiasmo da juventude, o pessimismo o domina, e até a comicidade do filme é dolorosa.

Quando veio o sonoro, Chaplin estava no apogeu de sua arte, e recusou-se a falar. Outra atitude não poderia ter tomado. E quando a febre dos «talkies» dominiva a indústria êle ousa realizar um filme sem palavras, e consegue êxito retumbante. Em «Luzes da cidade», Chaplin pôde dar vasão ao mesmo tempo ao seu ódio à palavra e seu amor à música. Foi com especial carinho que compôs a partitura musical da película. «Luzes da cidade» é um filme de uma amargura irremediável, de uma tristeza morna, que cresce com o desenrolar da ação. E' uma obra madura, sem hesitações, cheia de poesia, mas uma poesia que não deixa o plano humano.

Em contraposição, «Tempos modernos» é o otimismo, otimismo que se irradia desde a primeira imagem, é energia, fôrça, dinamismo, como nunca se tinha visto em outra obra de Chaplin. E' a volta de Carlitos confiante, Carlitos que critica os tempos modernos e a escravização pela máquina.

CARTA A CARLITOS

(2º PRÊMIO NO CONCURSO DE «A PÁGINA DO LEITOR»)

Prezado Carlitos.

Qual uma criança temerosa ao iniciar os seus primeiros passos, tendo à sua frente tôda uma vida, assim me sinto neste momento. Sei que o princípio das coisas é o mais difícil de ser conseguido, mas sei também que a compensação futura de haver tentado, mesmo que o insucesso seja o prêmio, é deveras alentador. Quero, aqui, extravasar todo o sentimento e agradecimento pelo que você, grande amigo, me tem proporcionado nesses meus anos de vida. Não sei se o conseguirei.

Se não obter nestas palavras escritas, o fim almejado, rogo-lhe (você que sabe conhecer a fundo o coração humano) entrever o sentimento que me vai n'alma e que não soube transportar para o mundo real das formas de imprensa.

Quando ainda criança, deliciava-me com sua figura engraçada, com seus passos característicos e suas vestimentas originais. Era para mim um delírio a sua presença na tela do cineminha de minha cidade natal, pois você iria causar-me alguns momentos de feliz entretenimento, longe dos afazeres escolares e dos brinquedos de rua. Hoje, quando já sei compreender melhor as coisas, mais do que nunca, sinto o mesmo contentamento ao sabê-lo na cidade. Não mais por saber que irei ter a presença do «Carlitos», tão amado da garotada, pois você se modernizou. Não mais o chapéu côco, bengala, gravata borboleta e botinas.

Prefere ser Verdoux, Calvero, ao «Eterno Vagabundo». Mas, por acaso, ao vê-lo modernizado, meu modo de pensar a seu respeito deverá também mudar? Não! Não, porque «Eterno Vagabundo», Calvero ou Verdoux, eu sinto as mensagens de que seus personagens lançam mão, para nos fazer mais amar a humanidade. De compreender melhor os nossos semelhantes. Eu sinto tôdas as emoções que você, grande gênio, demonstra no decorrer das películas. Eu choro ou gargalho, quando você sofre ou se alegra. Às vêzes, dos meus olhos saem lágrimas, ao mesmo tempo que meus lábios se entreabrem para um sorriso. Isto, porque você nos ensinou que a humanidade não passa de um conjunto de palhaços que devem fazer rir, embora sintam estraçalhar dentro de si, o coração que pulsa.

Não devemos permitir que outros sofram, porque sofremos. Que a vida seja aos nossos semelhantes alegre e venturosa, embora não possamos participar desta ventura. É por todos êsses ensinamentos que lhe sou grato, Carlitos, «gênio inimitável»!

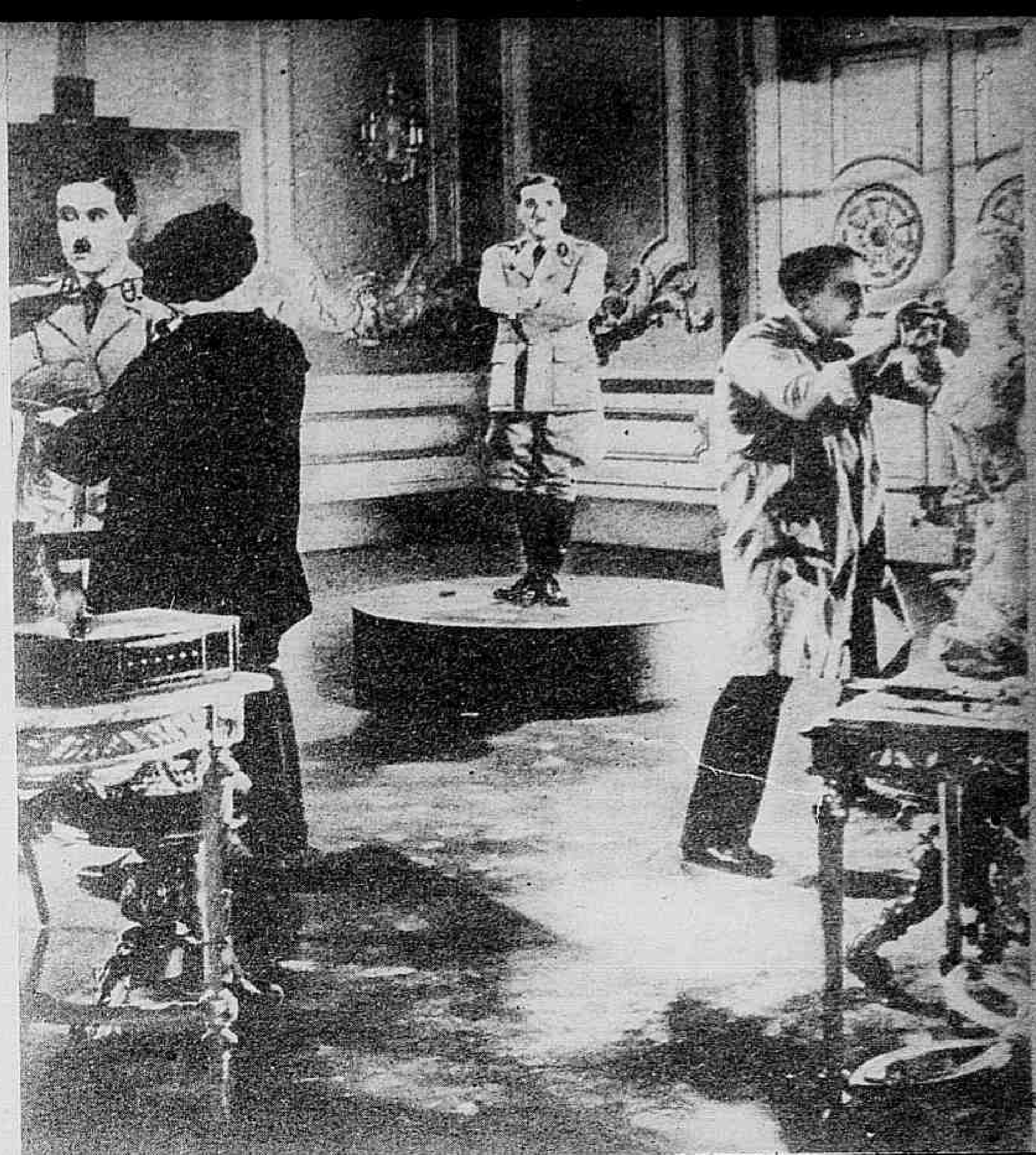
LUIZ BONIFACIO — (Belo Horizonte)

Quanto a «O grande ditador», só podia ser devidamente apreciado em sua época; era uma caricatura fixada num determinado momento, num certo lugar, e que ultrapassada pelos acontecimentos, perdeu muito do seu valor. E' admirável entretanto a coragem de Chaplin realizando a obra no momento em que o nazismo representava uma fôrça temível, a despeito de tôdas as ameaças com que procuraram demovê-lo de seu arrojado projeto. Aqui, mais uma vez, Chaplin demonstra sobriedade única, um verdadeiro pudor da tragédia: quando os SS penetram no «ghetto» adivinha-se o terror, ouve-se os gritos, mas não aparece na tela uma única cena de violência. Tudo sugerido com louvável discrição. Carlitos custa a falar, mas quando tal se dá, êle diz as mais belas palavras que se possa ouvir. O discurso final do pequeno barbeiro israelita, incitando à paz, à fraternidade e ao amor, permanece como um dos instantes mais emocionantes de tôda a história do cinema.

Depois de um silêncio de quase dez anos, Chaplin realiza «Monsieur Verdoux», uma obra sem concessões. A macabra história de um moderno Barba-Azul, vista por um prisma de mordaz ironia, era exposta numa linguagem cinematográfica extremamente simples, sem nenhum efeito rebuscado. Em Verdoux, que permanece talvez a mais notável personagem criada por Chaplin. Êle passa, com admirável fluência, da farsa ao drama, da caricatura à sátira.

E, se «Verdoux» já provocou cisão da crítica, porque Chaplin não fazia demonstrações de malabarismo com a câmara, «Luzes da ribalta» ainda mais acentuou as diferenças de opinião. Enquanto uns não regateavam aplausos ao drama de Calvero, outros recebiam o filme com reservas. Confessamos que nos colocamos entre os segundos. «Luzes da ribalta», como trabalho de Chaplin, decepciona, mesmo sem esquecer tôdas as emoções que alguns belos trechos do filme conseguem provocar.

Aguardemos a próxima película de Chaplin. Se fôr uma sátira ao senador Mac Carthy o realizador terá contra si as mesmas desvantagens que apresentava «O grande ditador». Se fôr um «Cristo», idéia que vem sendo burilada há uns trinta anos, por certo seu criador terá melhores resultados. E Chaplin mostrará o Cristo de um ângulo inteiramente inédito, pois, conforme suas próprias declarações em 1926, pretende «modificar a personalidade do Cristo no espírito das massas. .. considerá-lo como um homem esplêndido, viril, para o qual se volta instintivamente quando se encontra em dificuldades. Não um personagem piedoso, triste e impassível, um homem solitário que foi o maior incompreendido de todos os tempos»



Em «O grande ditador», uma admirável sátira às ditaduras



Encerrando, com fecho de ouro, a série de «Os grandes vultos da tela», através a atual orientação de «A CENA», que hoje se despede dos seus amáveis leitores, um outro epílogo, também simbólico e de extraordinária beleza, a última cena de «Tempos modernos». Em meio de um crepúsculo o filósofo errante com a sua bengalinha e chapéus de côco segue além, pleno de esperanças, com a sua jovem companheira e se perdem de vista, na estrada da existência.



Quando tudo eram flores, Susan Hayward e Jess Barker eram apenas sorrisos.

SUSAN E O ROMANCE QUE ABALOU HOLLYWOOD

De MARIA HELENA, exclusivo para **A CENA**



Casaram-se, montaram casa e cuidavam de fazer viver o amor.



Como de hábito, vieram os filhos; dois de uma só vez.

Foi um verdadeiro escândalo, quando na famosa cidade do cinema americano, os vizinhos da "estrêla" Susan Hayward tiveram que tirá-la de casa e livrá-la de seu furioso marido Jess Barker. A bela "estrêla" estava com o rosto cheio de equimoses provenientes de socos que o violento Jess lhe dera. De há muito as brigas do casal tornavam quase impossível a vida em comum, obrigando a bela ruiva a pensar sèriamente no divórcio como única solução.

Casaram-se há alguns anos atrás e possuem dois filhos Greg e Tim, gêmeos, que hoje já têm nove anos e freqüentam a escola. Quando Jess conhecera Susan os dois lutavam pela carreira cinematográfica e Jess estava na dianteira de Susan. Enquanto a talentosa Susan conseguia apenas pequenos papéis, o simpático Jess estava bem próximo do êxito. Isto se dava porque os galãs de Hollywood devido à Guerra estavam ausentes, servindo ao Exército, Marinha ou Aviação dos Estados Unidos.

Passado algum tempo a situação mudou e a carreira de Susan tomou verdadeiro impulso. Em movimento de ascenção ela conséguiu o almejado estrelato e não só isto mas tornou-se uma das mais disputadas atrizes quer seja pela sua beleza ou pelo seu talento. Entretanto a Jess acontecia o contrário e começou a regredir passando a ser ignorado pelos produtores de Hollywood. Enquanto Susan ganhava 250.000 dálares anuais Jess não conseguiu mais de 500 dólares. As disputas começaram se dar com mais e mais freqüência e maior violência. Jess era um marido ciumento, e tinha terríveis ciúmes da carreira de Susan.

Enquanto isto acontecia, na mesma cidade repetia-se os fatos, com certa identidade, apenas o casal era outro — Jeff Chandler e Hoshelle. Jeff depois de certos sacrifícios consegue num abrir e fechar de olhos o cobiçado lugar no cinema, desde o seu desempenho em "Flechas de Fogo". Sua espôsa, também artista, luta ainda quase no anonimato. Com o êxito inesperado de Jeff, Marjorie sentiu-se frustada, e passou a brigar com o marido com assustadora freqüência. Jeff tudo sofria pensando nas duas filhas do casal. Tudo em vão pois a incompreensão dominava aquelas duas criaturas, depois a separação e o divórcio iriam completar aquêle capítulo da vida de Jeff.

Mas Jeff Chandler encontrou a ruiva Susan Hayward. Lembraram-se de Brooklyn, da escola, da sua amizade e das suas aspirações da juventude. Lembraram-se dos longos passeios que davam nos sábados à noite, de mãos dadas, ou quando havia dinheiro iam a um cinema e sonhavam juntos em tornarem-se atores. Tudo isto era apenas um sonho! Forte amizade ligava Ira Grossel e Edhyte Morrener, que depois mudariam os nomes para Jeff Chandler e Susan Hayward, respectivamente.

As reminiscências do passado ligaram mais que nunca as vidas de Jeff e Susan, e façamos votos para que pròximamente haje um casamento em Hollywood. Jeff está feliz e satisfeito e diz que Susan ganhou muito com o passar dos anos e Susan também confessa que Jeff está bem mais atraente, menos gordo, e a cicatriz acima das sombrancelhas e os cabelos grisalhos adqui-



Susan fêz-se grande «estrêla». No lar ela brilha a só.

ridos num terrível desastre de automóvel, dão ao seu ex-amigo de infância um aspecto e uma expressão tôda especial!

Êsse é o ovo e intenso romance que abala atualmente Hollywood.

Como as desgraças nunca vêm desacompanhadas, Jeff Chandler deixou de achar a vida de casado boa.



CAROL REED E O DRAMA DAS RUAS

De THIMAR e ISMAR PÔRTO, exclusivo para **O PERFIL**

O PERFIL

AS ruas sujas, apertadas, onde as aventuras se sucedem. Ora violentas — o crime; ora suaves. As sombras da Lua sôbre as casas, as ruas desoladas, cobertas de neve ou da água das chuvas são temas usados no cinema de todos países: França, Rússia, Inglaterra, etc.

O cinema inglês, que possui uma extraordinária inclinação para o prêto e branco, salientando-se no primeiro as eternas escuridões provocadas pelos realizadores britânicos, têm em Carol Reed um virtuoso da cena filmada. "O Condenado" (Odd Man Out), "O Terceiro Homem" (The Third Man), "O Ídolo Caído" (The Fallem Idol) e "O Pária das Ilhas" primam pelo escuro, pelas ruas mal iluminadas, pelas personagens vestidas de escuro, escondidas numa porta (caso típico: Orson Welles, o terceiro homem, quando aparece pela primeira vez, a esperar qualquer coisa... É o drama das ruas! É a necessidade de sentir a personalidade, de prescrutar á imensa solidão das ruas vazias. É o cinema de Carol Reed. Porém, o desejo de fixar e de viver o drama das ruas faz êsse eminente esteta esmerar-se na angulação, na eterna busca de plasticidade, de técnica e sugestão.

Quase todo artista possui a sua temática. No cinema por exemplo — Charles Chaplin: a bengala, a cartola, o bigodinho... Carol Reed: as ruas — as ruas sujas, abandonadas, onde se burla a lei e se realiza o crime, o assassinato, geralmente com correrias e fugas, muitas fugas. É o estilo narrativo que êle usa para tais realizações.

Acaba de ser exibido em Paris seu último trabalho: "O Homem de Berlim". Os elementos ainda são os mesmos: as ruas, os telhados, as fugas. Claire Bloom (a jovem bailarina amada por Calvero em "Luzes da Ribalta") e James Mason são os "astros" Vamos ver se ela existe ou se foi uma lenda-de-amor criada por Carlitos... Logo o veremos em tôda sua pujança em "O Homem de Berlim" é certo.



O drama das ruas: a imensa solidão, a chuva que acabou de cair e a tristeza interior (Joseph Cotten em «O terceiro homem»).



As ruas cobertas de neve, o homem que foge e se abriga nas sombras. James Mason e Kathleen Ryan em «O condenado». (A filmografia dos diretores, embora de efêmera trajetória, é uma homenagem que se presta ao vultoso número de pedidos recebidos neste sentido).

A CARREIRA

CAROL Reed foi ator de teatro durante algum tempo sendo descoberto como diretor de cena por Edgar Wallace, célebre romancista policial, que o contratou para sua companhia teatral. Vê-se aí, nessa afinidade artística, a base do desenvolvimento das tramas de seus filmes, a preparação psicológica para as surprêsas e os «suspenses», tanto ou mais acentuadas que as do mestre Hitchcock. Aquela desci[illegible] do telegrama comprometedor em forma de avião em «O ídolo caído» é antológica e cabe como exemplo de seu potencial melodramático.

Após a morte de Wallace, Carol Reed ingressou no cinema. Na Associated Talking Pictures realizou, após um estágio preparatório como assistente de direção e como cenarista, filmes apenas discretos. Foi, porém, notado por um crítico severíssimo da época: Graham Greene. Dez anos depois sua forma foi aprimorando, até chegarmos a «Condenado» expressivo drama de um homem acossado. Veio a fama, veio a união com Graham Greene que lhe escreveu «O ídolo caído» e «O 3º homem». O primeiro, após retratar fielmente o estado psicológico de uma criança, envereda para a trama policial, de tensão palpitante, dentro de linguagem própria e estilizada. «O 3º homem» novamente o homem acossado é retratado por sua câmara que devassa até o pensamento. Nesse mister foi auxiliado pelo talento estupendo de Orson Welles que, além da valorização natural do papel, o tornou humano, saltando fora da tela, como se fôra de 3ª dimensão. Só um Welles poderia conseguir nos transcrever, num relance, tôda uma razão de ser, todo um caráter, todo mistério que torneava sua figura. A plástica geral (consideremos a visual e sonora num todo) do filme é completa, não existe senões. Sua projeção mundial após «O 3º homem» é um aplauso ao mérito de Carol Reed. Um reconhecimento a um mestre do ritmo, dominador da luz e sombra, do tempo e espaço, que não ficou no trono frio da estética, mas que a usou para maior profundidade humana nas ações e mesmo nos símbolos.

O último filme que dêle vimos foi «O pária das ilhas», baseado numa novela de Joseph Conrad. Transcorre sua ação num ambiente semi-selvagem e tem lances de tragédia clássica. Neste filme Reed em outro gênero se impõe. Se em seus anteriores trabalhos êle expunha aventuras, nesse o drama íntimo da consciência de dois homens é transmitido em impactos fragmentários para no «climax» confrontarem-se num crescendo «pathos» a terminar com o aniquilamento da esperança e da moral das suas personagens.

Filmografia: 1935: «Midshipman easy»; 1936: «Laburnun grove» e «Talk of the devil»; 1937: «Who's jour lady friend?», «Bank holiday» e «No Parking»; 1938: «Climbing high», «A girl must live» e «Penny paradise»; 1939: «The stars look down» e «Night train to Munich»; 1940: «The girl in the news» e «Kipps»; 1941: «O jovem Mr. Pitt»; de 1942 a 1944 realizou documentários para Army Film Unit; 1944: «The way ahead» (filme de guerra); 1945: «The true glory», colaboração com Garson Kanin (documentário de guerra); 1947: «Condenado»; 1948: «O ídolo caído»; 1949: «O 3º homem»; 1951: «Um pária das ilhas»; 1953: «O homem de Berlim».

III FESTIVAL MUNDIAL DE FILMES DE DANÇA

JÁ ESTÃO SENDO RECEBIDAS AS INSCRIÇÕES PARA O "FESTIVAL BALLET" — A PRIMEIRA LISTA DE FILMES!

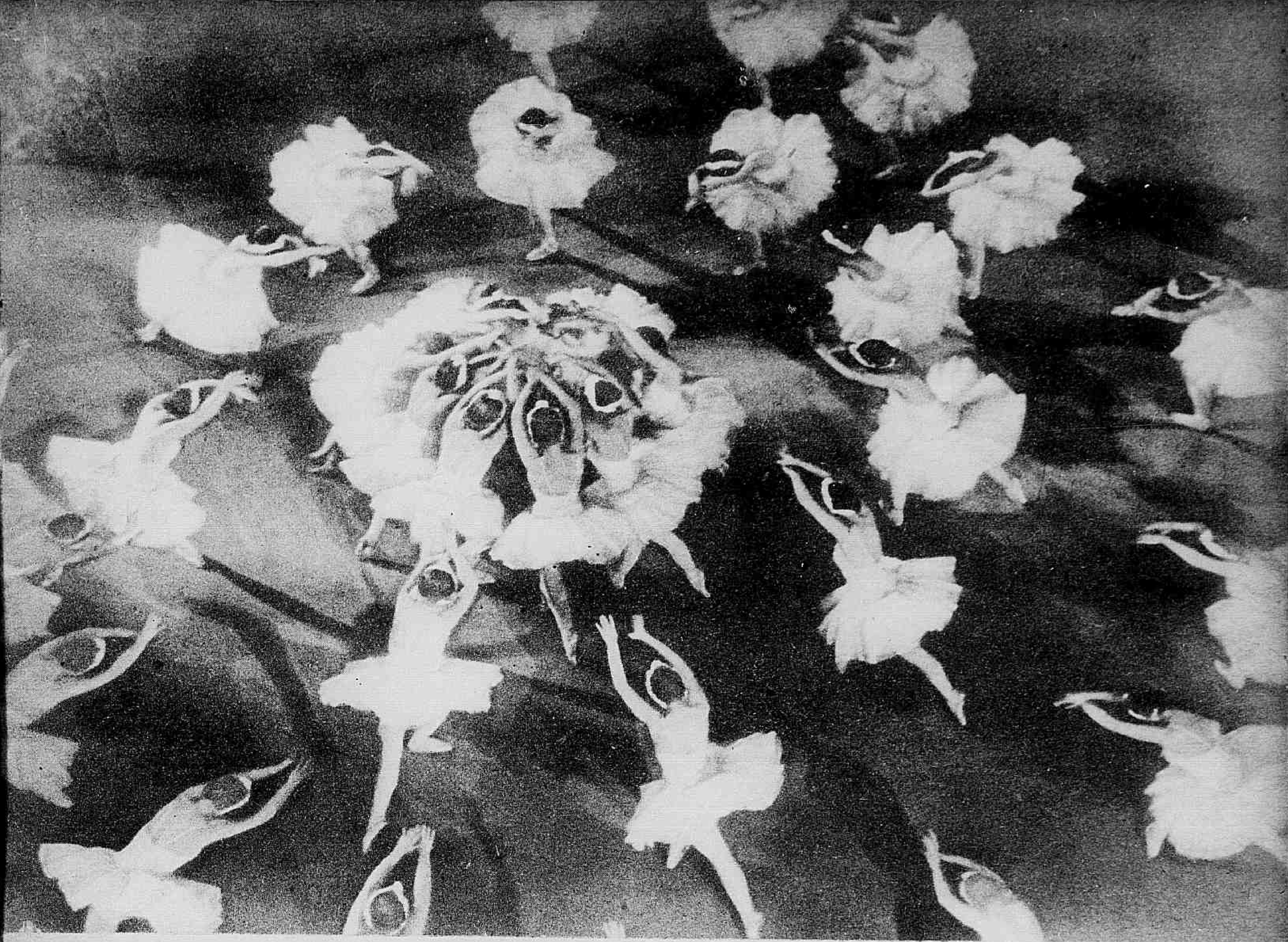
«Romeu e Julieta», em côres, com Galina Ulanova em uma interpretação de comovente beleza.



Os festivais internacionais de filmes de dança requerem uma laboriosa preparação. O Brasil mantém êste honroso previlégio de ter sido o único país que conseguiu efetuá-los e, ainda mais, manter a continuidade através dos anos. Isto tem custado um esfôrço difícil de ajuizar pois significa, de um para outro, mais de um ano de ininterrupto trabalho de coordenação e entendimentos. Do 1º, realizado em maio de 1952 («A dança através dos povos), ao 2º, em setembro de 1953 — «A dança e a imagem» para o terceiro, previsto para outubro de 1954 («Festival Ballet») intenso tem sido o trabalho do «comité» organizador. O patrocínio oficial do Govêrno no primeiro dêles, com a alta compreensão do ex-Ministro da Educação, Simões Filho e de Pedro Gouvêa Filho, diretor do I.N.E.A., abriu caminho para uma maior divulgação desta arte entre nós. Aumentou muito o público de «ballet» no Rio e São Paulo após essas realizações e isto ficou suficientemente provado com as últimas temporadas efetuadas entre nós. E, inclusive o próprio entusiasmo dos espectadores que têm prestigiado essas iniciativas.

Tanto assim que, embora a nova e absorvente reunião dos mais diversos ritmos de dança do mundo esteja estabelecida sòmente para outubro já se movimentam, intensamente os apaixonados da união de cinema e dança. Conquanto as condições gerais ainda não tenham sido fixadas decidiram os realizadores, atendendo a inúmeros pedidos, prosseguir na reserva de inscrições para o «Festival Ballet», o 3º Festival Mundial de Filmes de Dança. Já é vultoso o número de pessoas que tem assegurado a sua presença, participando os seus nomes e endereços, sendo que, para isto, não há qualquer «onus». Sòmente após o regresso do diretor do «Comité» da Europa, Oswaldo de Oliveira, é que as definitivas condições serão anunciadas não havendo, portanto, compromissos financeiros nesta simples reserva.

Embora não existam tantos lugares assim disponiveis, para maior facilidade dos interessados as referidas inscrições estão sendo aceitas inclusive por telefone 42-0651 (Filmoteca Cultural) exclusivamente com D. Nair, das 14 às 17 horas, com exceção dos sábados e feriados. Em data a ser prèviamente marcada, serão enviados a êstes mesmos candidatos inscritos, os catálogos com a resenha de



Filmados em 1953 e apresentando maravilhosos coloridos serão vistos os melhores e mais célebres conjuntos da União Soviética da atualidade. Acima, um imponente trecho da última revivíscência de «O lago dos cisnes», em fabulosa montagem e com moderníssimo processo colorido.

todos os filmes que farão parte de «Festival Ballet» e, a partir de então, a referida funcionária, na Filmoteca (rua Álvaro Alvim, 33, 3º andar, entrada próxima ao Teatro Rival) prestará todos os esclarecimentos necessários. Como o número de inscrições será, desta feita, limitado, os interessados deverão efetuar as suas reservas pelo telefone acima.

OS FILMES DA UNIÃO SOVIÉTICA

Vejamos, hoje, alguns dos novos bailados, começando com os da União Soviética, todos em côres e de muito recente feitura (anos de 1952, 1953 e até de 1954). Trata-se de obras simplesmente extraordinárias, com alta técnica de filmagem, destinados a um imenso êxito por entre o público.

«Romeu e Julieta», colorido, com Galina Ulanova e grande conjunto constitui um dêsses raros momentos de arte e sòmente o cinema poderia prodigalizar a arte desta extraordinária bailarina no Brasil; o segundo ato, completo, de «O lago dos cisnes», da versão em quatro longos períodos, jamais apresentado no Brasil, uma sublime visão cuja foto ao lado constitui uma pequena idéia da moderna e artística maneira de filmar; «Príncipe Igor», coreografia de Fokine, com tôda a sua primitiva riqueza.

«A rainha de espadas» e «Valsa», de Chopin, novamente com a genial Galina Ulanova, ao lado de V. Prebrazhensky; «Raymonde», de Glazunov, com Nathalie Dudinskaya (já consagrada no Rio e S. Paulo em «La Bayadère»), ao lado de K. Sergeyev (também conhecido no festival anterior no famoso adágio de «O lago dos cisnes», que interpretou ao lado de Galina Ulanova); «Gayane», de Kcatchaturian, outro bailado totalmente desconhecido entre nós, com grandes vultos do «Ballet» de Leningrado: A. Shelest S. Kaplan, V. Vecheslova, N.Z. Ubrovsky; «Marusya», de Anatoli Svechnikov, com Lydia Ger, Asimchuk, Elena Yershova e grande conjunto. No setor folclórico, também em côres, serão vistos bailados simplesmente maravilhosos, superando tudo o que já foi visto entre nós. São êles: «The Gopack», pelo grupo de danças ucranianas; «Cossacks no Danube», com Volgemoot, Ivan Patorzhinsky, Maria Litvinenko e outros e o mais célebre conjunto folclórico no momento na União Soviética: «State Folk Dance Ensemble».

Embora a lista definitiva seja longa, abrangendo os mais variados conjuntos do mundo, com os melhores conjuntos do Ocidente, particularmente da Grã-Bretanha, sendo provável também a vinda de um grupo de filmes britânicos com as suas grandes figuras em bailados em terceira dimensão! E vamos aguardar, agora, os resultados da viagem que empreenderá o presidente do «comité» organizador (vide página três dêste número).

«O Gabinete do Dr. Caligari», um clássico no assunto.

«A mão do diabo», grande filme francês, com um impressionante fantástico.

«A bela e a fera» a grande incursão de Jean Cocteau ao domínio do quimérico.

O FANTÁSTICO

Por H. ANDERSEN, exclusivo para **A CENA**

O nascimento do fantástico no cinema se deu quando o gênio inventivo de George Mélies encontrou um meio de expressar o irreal captando cenas ou imaginando truques para compor pequenas películas.

O desenvolvimento desta nova modalidade na cinematográfia processava-se cèleremente impulsionada pelos trabalhos de laboratório. As exposições múltiplas, as superposições, uma iluminação adequada tornava fantástico o banal, o comum, criando um ambiente verdadeiramente lendário.

Mais tarde, também a pintura ocuparia lugar de destaque na fantasia.

Justamente êsse gênero era considerado pelos homens de finanças anti-comercial. Mas apesar disto foram feitos filmes de fantasia principalmente na Alemanha, onde havia uma verdadeira paixão dos cineastas pelo gênero. Procurando encontrar novos meios de expressão para tão ilimitado campo como o é o da fantasia, realizaram um grande número de películas onde os temas escolhidos iam desde os leves contos de fadas ou lendas nacionais germânicas, até o macabro. Usavam a câmara cinematográfica não como instrumento que procurasse se aproximar o mais possível do realismo, mas sim como instrumento de expressão imaginativa. Estimulavam-se os experimentos técnicos, e cada cineasta procurava ultrapassar de muito o que já fôra feito, numa verdadeira corrida de procura de novos truques ou de desconhecidos e estranhos ambientes.

Foi extraordinário como se explorou o fantástico no cinema alemão na década de 1920-1930. Daí para a América foi um passo e em 1924, principalmente, começou-se a produzir tais películas também nos Estados Unidos.

«Caligari», experimento expressionista de 1919, fantástico macabro no tema e no estilo possibilitou aos cineastas de todo o mundo ter uma noção exata do que poderia ser a fantasia no cinema.

«The Golem», com uma impressionante deformação cenográfica, situava-se no impressionismo alemão e constituía também um exemplo de imaginação criadora no terreno da fantasia. Golem era um boneco de barro, que por magias recebe um sôpro de vida e passa a enfrentar o seu criador.

Em 21 surge «Destiny», de Fritz Lang, cuja cenografia procurava ultrapassar todo o exotismo e o estranho já vistos no cinema alemão de então.

Em 1923 dois filmes aparecem ainda na Alemanha «The chronicle of the Grieshuüs» de Gerlach e baseada na mundialmente conhecida história para crianças «Cinderella» (esta realizada por Berger), que foram as mais expressivas películas de fantasia. Entretanto a ingenuidade e falta de poesia dêste último, não traz o encantamento que poderia ter provocado no longínquo ano de 1923 . . . o príncipe encantado levava uma vasta e horrível cabeleira postiça e tocava violoncelo.

As estranhas decorações, muitas vêzes realmente cheias de imaginação iriam colocar a pintura como um novo mito cinematográfico, principalmente neste gênero de películas.

As lendas germânicas também foram levadas à tela e «Siegfried» foi um expressivo trabalho, sob a responsabilidade de Fritz Lang.

«O homem das figuras de cêra» de Leni trazia 3 grandes nomes Emil Jannings, Werner Krauss e Conrad Veidt. Interessante que em muitos

«Le Golém» (O monstro de barro), com as suas figurações distorcidas...

NAS IMAGENS

dêstes filmes a realidade das figuras, os personagens, não coincidiam com o fundo decorativo e isto acontecia no episódio de Jack o estripador desta película de Leni.

«Fausto» também teve o seu lugar no cinema alemão e a Murnau coube dirigir a película, enquanto o ator principal era Jannings.

«Metropolis» foi uma das mais impressionantes obras do gênero no cinema, e o talento de Fritz Lang tornou-a uma das grandes películas da cinematografia. Já «Raskolnikow» realizado por Wiene, em 1923, contava com a participação de ar. stas moscovitas, que procuraram adaptar seus estilos às decorações fantasistas, reminiscências de um «Caligari».

O «desconhecido» relacionado com a morte e o sinistro, encontrou um ótimo campo no cinema alemão antigo e além do já citado «Caligari», poderíamos lembrar como autênticas realizações do gênero «Nosferatu» trazendo em imagens a impressionante figura de um vampiro, «The warning Shadows», «As mãos de Orlac» com o impressionante e grande ator Conrad Vaigt, «O estudante de Praga» ainda com Conrad Veigt.

Os americanos que passaram a explorar o gênero começaram com um «O ladrão de Bagdad» com Fairbanks ou um «Peter Pan», mas também realizaram um filme como «Sonho de uma noite de verão» de Reinhardt, baseado na obra do mesmo nome de Shakespeare ou «A sombra que passa» com Frederic March, que contava a história de uma morte, que se apaixona e toma férias . . . numa linguagem poética e melancólica.

«O mágico de Oz» foi ao lado de «Alice no país das Maravilhas» contos infantis transformados em imagens cinematográficas. «O fantasma da Opera» foi mais de uma vez filmado, mas sem dúvida a melhor versão dentro da sua época, foi a com Lon Chaney. «O Médico e o Monstro», uma fantasia macabra, teve por muitas vêzes a preferência dos homens de Hollywood.

Um filme soviético fêz grande sucesso em sua época (1920), e intitulava-se «Aelita», sôbre planêtas desconhecidos, «Zvenigora», baseado em folclore ucraniano, era dirigido por Dvjenko. Há poucos anos tivemos ocasião de ver a bela fantasia do cinema soviético «Flor de Pedra» dotado de belas imagens e rico colorido.

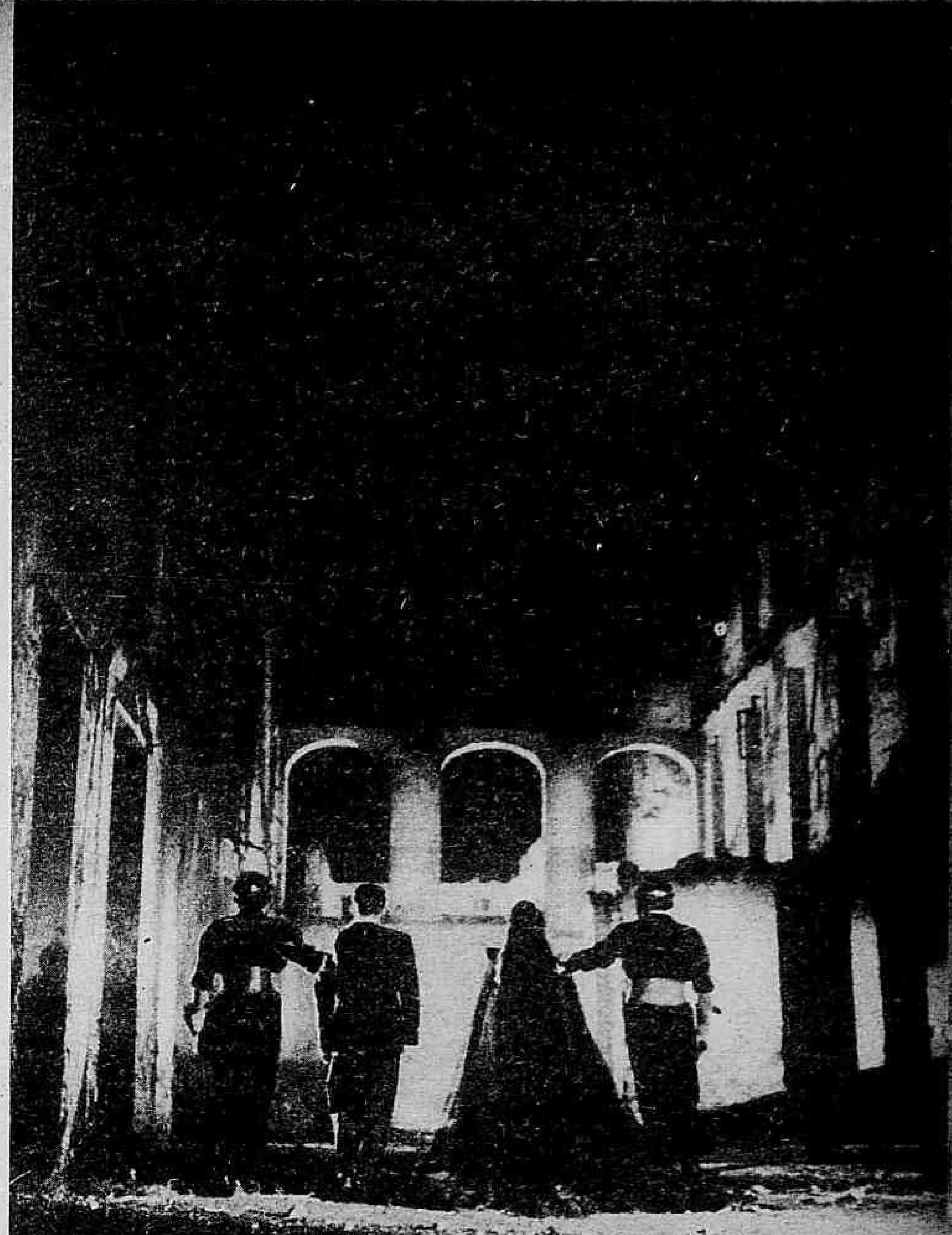
Na França a fantasia apareceu com Méliès, como já foi dito, e uma das mais interessantes películas do gênero, fantasia e comédia foi «Viagem Imaginária» de René Clair. «Don Quixote» de Pabst foi uma realização francesa que contava com Chaliapine.

Ainda na França um filme com caráter de fantasia sinistra «A aventura de David Gray» de Dreyer, era impressionante, onde a câmara toma o lugar de um morto.

Baseado em Allan Poe e realizado por Epstein, foi filmado «O desmoronamento da mansão Usher».

A fantasia baseada em sagas, folclore, contos infantis, literatura macabra, e temas sinistros, foram levados à tela.

Mas ainda assim, apesar de expressivos nomes e expressivas obras estarem ligados à fantasia no cinema, o imenso campo ainda dará margem a novas e múltiplas explorações.



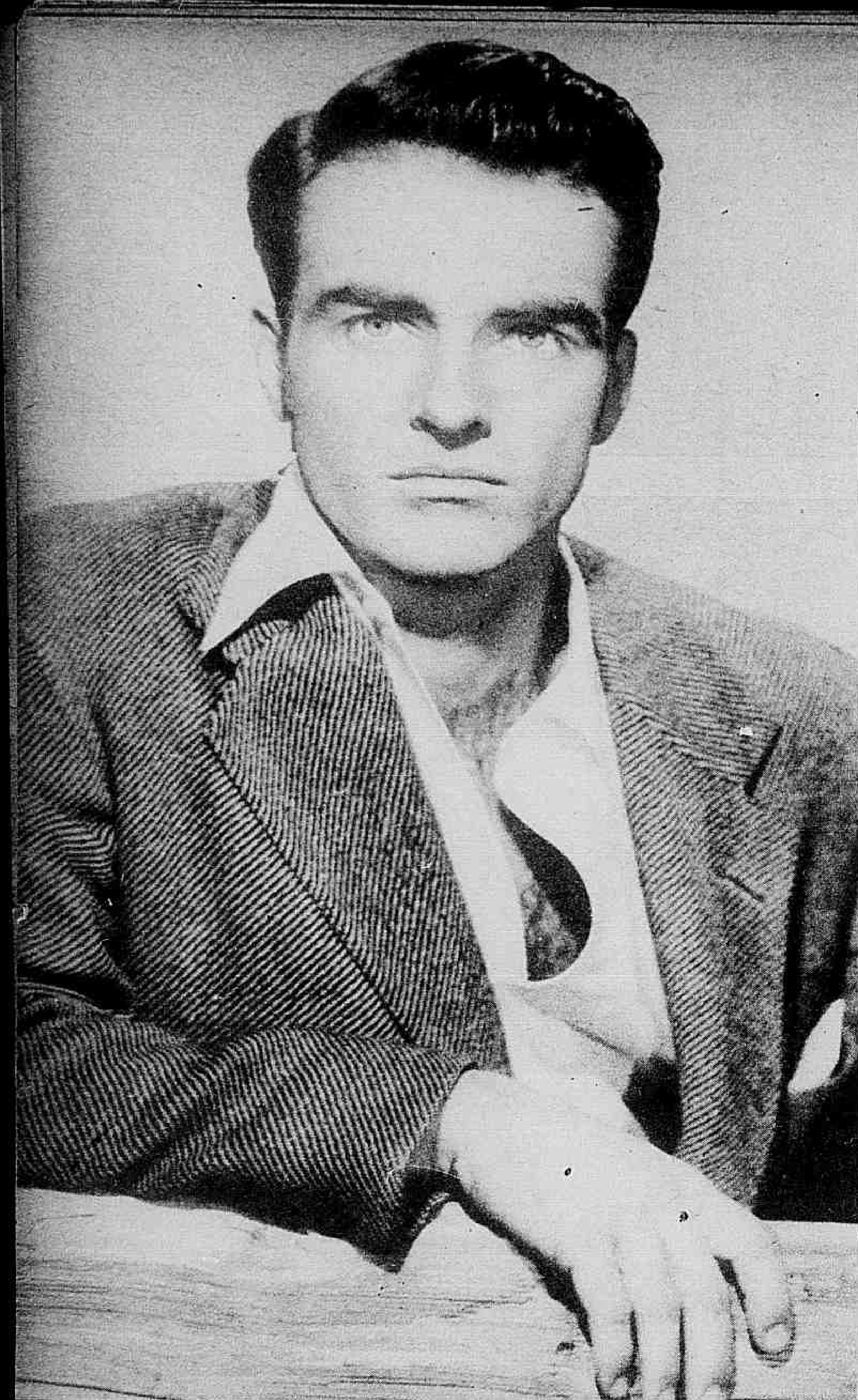
«Orfeu», o mais fantástico dos filmes em 25 anos de cinema falado, foi um inesquecível espetáculo em que as doutrinas espírita, a metafísica e o surrealismo se entrosavam. Outra poderosa contribuição de Jean Cocteau.

«Fausto», na recente versão do cinema italiano, com um aterrador inferno. No cinema silencioso houve o de Murnau, com Emil Jannings.



«Neste mundo e no outro», uma excepcional contribuição da Grã-Bretanha, passava-se no espaço, na outra vida.





MONTGOMERY

O PERFIL E AS LENDAS

O comportamento de Montgomery Clift criou em tôrno da sua figura tantas lendas que, se analisarmos o rapaz através do que sôbre êle se escreve, teremos a impressão de que se trata de uma aberração.

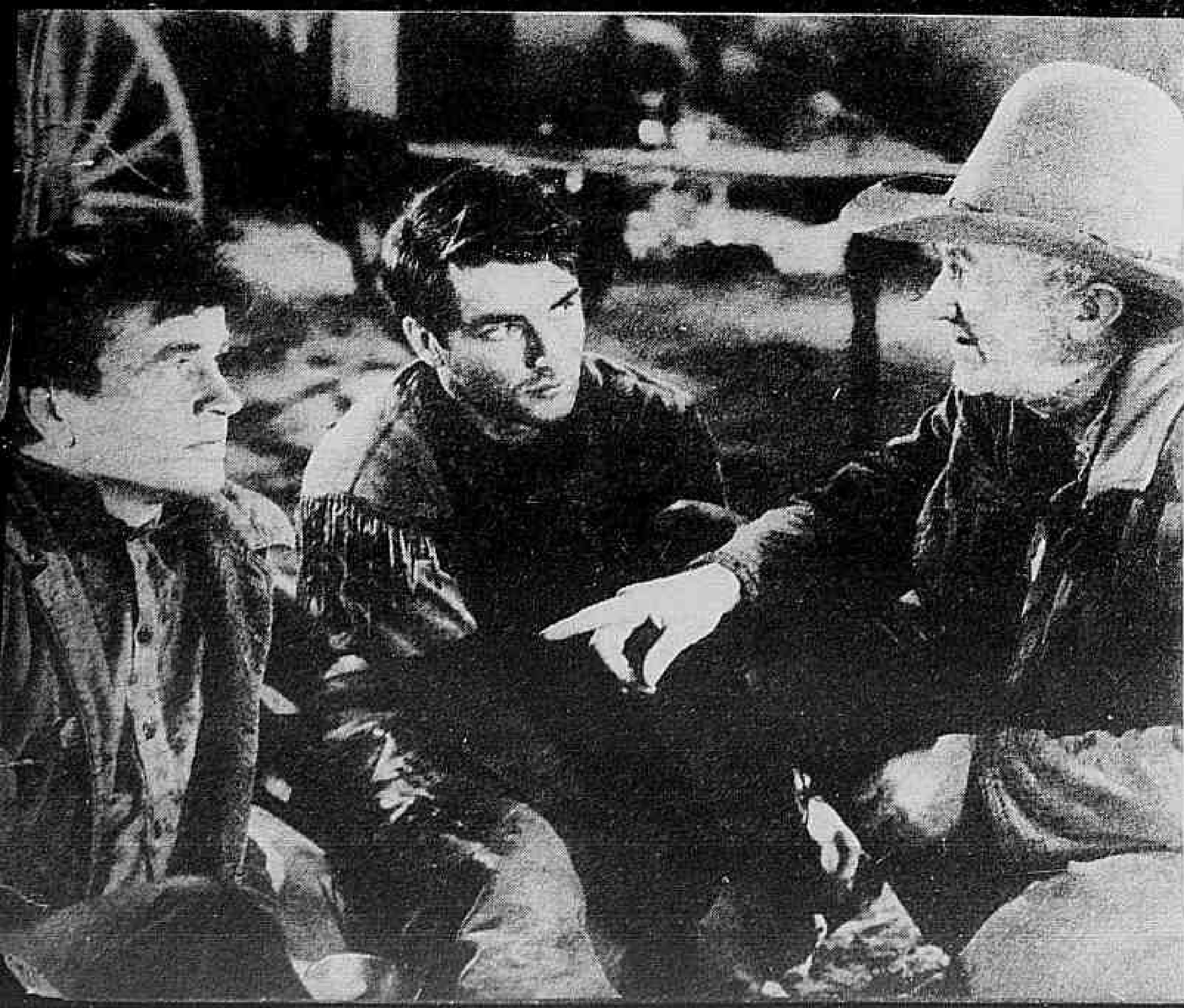
Recluso, tímido, desleixado, e até "o homem das duas gravatas" foram algumas das expressões com que o definiram mais freqüentemente. Que fêz êle, em suma? Assistiu a alguma "première'' de meias vermelhas e "smoking'' escossês, como Van Johnson, ou saltou em uma piscina trajado a rigor, como Zsa Zsa Gabor? Teria batido o recorde de casamentos estabelecido por Humphrey Bogart, ou deixou-se fotografar despido, como Tab Hunter?

Nada disse êle fêz. E é exatamente por isso que Hollywood estranha tanto o "modus vivendi'' do jovem ator. Ermitão, porque não desposou consecutivamente tôdas as solteiras disponiveis da cidade; desleirado, porque se traja discretamente. E, o que mais incomoda Hollywood, prefere residir em Nova York, indo à California apenas para filmar.

A verdade é que Montgomery Clift é um homem de gostos simples. Conforme êle diz, não há necessidade do ator manter o padrão da vida que levam os "astros'' de Hollywood. Nada de vivendas faustosas e festas a não mais findar. A isso êle prefere seu apartamento de solteiro em Nova York, onde vive entre seus livros e discos prediletos, longe da curiosidade dos cronistas mundanos de Hollywood. Prefere uma existência calma entre um filme e outro, a fim de que, quando solicitado por seu trabalho, possa dar a êste o melhor de si mesmo.

Montgomery Clift é consciencioso cem por cento. Escolheu a profissão de ator porque não poderia conceber outra acupação para si. Muito meticuloso em seu trabalho, está eternamente insatisfeito, sempre à procura de um aprimoramento. Exigente na escolha de seus papéis, é tomado de verdadeira febre quando se iniciam as filmagens, estudando cuidadosamente todos os detalhes das suas interpretações. Para seu papel de "A um passo da eternidade'' estudou trumpete especialmente, com Manny Klein, um dos mais famosos instru-

Montgomery em «Rio Vermelho», ao lado de Walter Brenan e Noah Beery Junior.





CLIFT QUER SER DIRETOR!

MARIA LUIZA,
para "A CENA"

mentalistas norte-americanos, e, para se familiarizar com a disciplina militar, fazia exercícios de marcha diários, às 6 horas da manhã. E tão desejoso estava de conhecer detalhes da vida na caserna, que o coronel Pendleton Howard, consultor técnico do filme, gracejava com êle, dizendo-lhe que gostaria de recrutá-lo permanentemente.

Outra prova da intransigência do ator quando se trata de sua arte, foi que recusou vários papéis que lhe foram oferecidos, apesar de estar precisando de dinheiro, porque não se sentia apto a desempenhá-los. Montgomery Clift só aceita uma parte quando sente afinidade com o personagem. Isto esplica sua atividade relativamente pequena; depois de "Um lugar ao sol" desempenhou apenas três papéis: o padre de "A tortura do silêncio", Prewit em "A um passo da eternidade" e "Stazione Termine", que interpretou na Itália ao lado de Jennifer Jones, sob a direção de Vittorio De Sicca.

Antes de sua estréia cinematográfica em "Perdidos na tormenta", em 1947, pelicula que foi dirigida por Fred Zinnemann, hoje um dos seus melhores amigos, Montgomery Clift vinha precedido de longa experiência teatral. Aos treze anos pisara um palco pela primeira vez, e desde então não cogitou de outra carreira, tão convicto estava de sua escolha. Em 1944 foi obrigado a abandonar a ribalta, em meio à temporada de sucesso de "The skin of our teeth", por motivo de saúde. Havia contraido uma moléstia de causas desconhecidas, e partiu para Nova Orleans magro e enfraquecido, para tratar-se. Lá entrou em convalescença, e pensava viver por algum tempo às margens do Mississippi, mas o clima quente e úmido fê-lo deixar a região à procura do sol da California. Passou uma temporada trabalhando em um rancho, até restabelecer-se completamente, voltando em seguida aos palcos novaiorquinos.

Em Hollywood, nenhum contrato o prende. Clift ama a liberdade, julgando-a imprescindivel sobretudo em sua profissão. O grande sonho de sua vida é dirigir um filme. Dirigir e representar, êsse é o seu ideal.



Vivendo uma célebre personagem de Theodore Dreiser, ao ladc de Elizabeth Taylor, em «Um passeio ao sol», de George Stevens



Ao lado de Olivia de Havilland em outro memorável desempenho: «The Heiress», de William Wyler.

Com Ann Baxter em «A tortuna do silêncio», um dos melhores filmes do ano anterior, com direção de A. Hitchcock.



Com Shelley Winters em «Um passeio ao sol», teve outra grande atuação. Esta atriz, também, dificilmente aparecerá tão bem quanto neste belo filme.





CINEMA BRASILEIRO

Tônia Carrero, intérprete de «E' proibido beijar», cuja crítica é apresentada em pré-estréia na seção «Cartazes em Revista» (Página 28).

FALA CHRISTENSEN

de SANIN para "A CENA"

Carlos Hugo Christensen, argentino de nascimento, ex-estudante de Filosofia e Letras, ex-autor e produtor de programas de rádio decidiu abandonar a lucrativa profissão (4.000 pesos por mês) para empregar-se em um estúdio (Lumiton, Buenos Aires) percebendo 150 pesos. Morava no próprio estúdio e em pouco tempo familiarizou-se com os mistérios da técnica. De auxiliar de direção foi promovido à assistente e em seguida diretor. Em três filmes apenas, galgou portanto, os degráus que levam normalmente anos.

Sua filmografia inclui: "Aquila Nera" (o mais elogiado pela crítica), "Os Filhos Mandam" (exibido no Rio), "Safo", "Los Pulpos", "Anjo Nu", "Pequena Señora de Perez", "Balandra Izabel" (premiado em Cannes), "Armiño Negro" (seu primeiro filme com Laura Hidalgo) e "Maria Magdalena", filmado na Bahia e apresentado no Festival Internacional de São Paulo.

Desta feita volta Christensen ao Brasil para filmar um drama que abalou a opinião pública brasileira e que despertou a atenção de muito cineasta — a história dos fugitivos da Ilha Anchieta. O filme que contará com numeroso elenco constituído de atores brasileiros: Tônia Carrero, Heloísa Helena, Fernanda Montenegro, Lizette Barros, Antônia Marzullo, Ramiro Magalhães, um novo de grandes possibilidades, Claudiano Filho o jovem ator negro da Vera Cruz, Jackson de Souza, Carlos Cotrim, Sadi Cabral, Castro Viana, Osvaldo Lousada e vários outros (64 ao todo). Além disso, deve-se salientar a presença de Arturo de Córdoba o conhecido ator portenho que também é có-produtor do filme.

Perguntamos a Carlos Christensen como descobrira o assunto para seu filme.

— De maneira singular, respondeu-nos êle. Estava na Bahia filmando "Maria Madalena" quando encontrei no fundo de uma gaveta, forrando-a, um velho jornal da época com notícias sôbre a fuga dos prisioneiros. Notei logo que ali estava uma boa história para cinema. Não pensei mais no assunto até que, de volta ao Brasil, pude coletar material, ler revistas e depoimentos da época, falar com os sobreviventes e inclusive com o diretor do presídio. Para que o filme não pecasse por falta de au-

(Continua na pág. 34)

O MAIOR FILME DO CINEMA

NO CINE CLUBE LUMIÈRE

A SESSÃO DO DIA 28 CONSAGRARÁ O ELEITO

Vem de ser fundado nesta cidade o Cine Clube Lumière. A novel instituição bem merece o apoio dos leitores que se interessam pela arte do cinema. Embora muito úteis para o aprimoramento cultural em tôrno das imagens, são exatamente raros entre nós os Cine-Clubes. Diversos têm surgido e efêmeras foram as suas existências. Com exceção do Cine Clube da Associação Social Arquidiocesana (A.S.A.) não existe outro com regular funcionamento. Se compararmos com idêntico desenvolvimento de outras cidades do mundo, inclusive da América do Sul, veremos o quanto irrisório é esta benéfica expansão entre nós. E não se precisa ir muito longe. Em São Paulo temos, entre inúmeros outros, o Museu de Arte Moderna. Êste último é uma potência, com cêrca de 4.000 associados. Por que, então, na capital do país não se desenvolve tão necessário culto?

Êsses dois agrupamentos fazem jus à solidariedade dos entusiastas da sétima arte. Pela sua condição de estar sendo lançado agora e pelo nome dos seus fundadores, o Cine Clube Lumière deve seguir avante. E' uma criação da família Boltshalser cujo amor ao cinema dificilmente poderá ser encontrado maior. Há longos anos mantêm, no seu lar, em ininterrupto funcionamento, sessões íntimas onde são freqüentemente reverenciadas tanto as obras do passado quanto as do presente. Todos os grandes filmes, que merecem estudo, são exibidos de um mínimo de seis até dez vêzes, simplesmente para amplos estudos práticos. Além disso, as análises são posteriormente completadas com a leitura de textos correspondentes através de uma importante biblioteca de cinema. Em todo o Brasil, inclusive no setor profissional, não conhecemos maior dedicação e excepcional competência no assunto. Foi precisamente por isto que a atual orientação de «A CENA» — que, na presente data, se despede dos seus leitores — foi honrada com a aquiescência ao convite de escreverem para esta revista. Demonstrando extraordinária versatilidade, os seus membros brilharam quer nos textos técnicos ou profundos, quer nas divagações simplórias, destinadas a contentar aos fãs que encaram o tema apenas como divertimento. Todos os trabalhos assinados com L. Boltshalser, Maria Luiza, Maria Helena e H. Andersen pertencem aos filhos de João Boltshalser, o chefe desta família de índole raríssima no mundo. E foi precisamente êste mesmo vulto que fundou, em companhia dos filhos, o Cine Clube Lumière. Identificados os autores de tão excelentes trabalhos com o espírito que anima o Clube mais fácil será compreender a devoção com que abraçaram a arte das imagens. A próxima sessão do Cine Clume Lumière será às 20 horas do próximo dia 28 do corrente, na A.B.I., estando resolvido que será com a exibição do filme que fôr eleito pelos leitores como o maior da história do cinema. No noticiário cinematográfico dos jornais do Rio os leitores encontrarão o nome do filme. Será, sem dúvida, uma bela festa de congraçamento.

O diretor Carlos H. Christensen ao lado de Sadi Cabral e dois atores de «Mãos sangrentas», quando prestava declarações à CENA.



QUAIS OS FILMES QUE DESEJARIA REVER?

FALAM OS CRÍTICOS E DIRETORES DE AGÊNCIAS — O ENCERRAR

O momento em que esta revista estiver circulando coincidirá com o encerramento do prazo para a entrega dos "coupons". Embora, de acôrdo com o que está esplicado na página três, a viagem do atual responsável por "A CENA" ficará mantido o compromisso de empregar todos os esforços em obter a "reprise" do grupo de filmes mais votados. Inúmeros diretores de agências já foram consultados a respeito, manifestando-se favoràvelmente em ir de encontro à opinião pública. Além do mais, tôdas as organizações mantêm uma linha continua de re-apresentações e nada mais natural do que ir de encontro a milhares de pedidos, de todos os pontos do país. Excetuados os casos previstos na regulamentação do concurso (bases publicadas em "A CENA" 13, de 28 de abril p.p., página 33), os filmes mais votados certamente retornarão. Acontece, entretanto, que não será com a presteza desejada. Diversos poderão ser re-editados em curto prazo mas outras "reprises" demorarão cêrca de um ano ou mais por intuitivas questões de programações anteriores dos estúdios, etc.

O Cine Clube Lumière, num gesto de simpatia para com "A CENA" está disposto a exibir, na noite de segunda-feira próxima, dia 28 do corrente, às 20 horas, na A.B.I., o filme que fôr eleito como o melhor de todos os tempos. Tudo depende, naturalmente, de existir cópia ou no Rio ou no Museu de Arte Moderna, de S. Paulo, caso seja antigo. Assim, a sessão de encerramento desta primeira etapa, abrangendo o público da capital do país e, bem possivelmente o de outras cidades (depende, é claro, do filme eleito!) do país, será um belo e expressivo acontecimento e está marcada para o salão da Associação Brasileira de Imprensa, rua Araújo Pôrto Alegre 71, 9º andar.

Vamos publicar, hoje, as últimas entrevistas obtidas com críticos de cinema e diretores de agências estrangeiras.

Hugo Barcelos, crítico de "O Diário de Noticias" votou, como o o maior filme do cinema, em "Matar ou Morrer" (High Noon). Indagado dos motivos da preferência, respondeu que considerava-o como um modêlo do filme perfeito.

Joaquim Menezes, de "Carioca" e presidente da Associação Brasileira de Críticos Cinematográficos, escolheu "Luzes da cidade" como o mais impressionante filme do cinema. Entre as peliculas que desejaria rever incluiria algo a fim de satisfazer as suas lembranças da infância. Desta maneira, teria vontade de presenciar, agora, os filmes de Tom Mix e Buck Jones.

Manuel Jorge, o dinâmico organizador dos programas de cinema da Rádio Continental e crítico de "O Mundo" votou, como o maior filme do cinema em "... E o vento levou".

Clóvis de Castro Ramon, crítico de "Jornal do Brasil" opinou, como o máximo da tela, por "Também somos sêres humanos", apresentado no Brasil em 1945. Entre os filmes que gostaria de rever, além desta obra prima de William Wellmann optou por "O grande ditador", "Les énfant du paradis", "A bêsta humana" e "Carícia fatal".

Adolfo Cruz, de "O Radical" e da Rádio Nacional escolheu "A princesa e o plebeu" como o filme das gratas impressões.

A sr. Alfred Steinberg, gerente da Columbia Picture, colocou "A um passo da eternidade", como a produção número um. Entre as "reprises" gostaria de rever "Anjo azul", "Asas da noite", "Tabu" e "Luzes da ribalta".

Antônio Sá, diretor de publicidade da RKO, escolheu "Apenas um coração solitário" como a obra-prima da história do cinema. Nas reapresentações: "Fantasia", "Ave do paraiso" (1º versão), "Scarface" e "Emile Zola". (Cont. na pág. 34)

«Melhores anos de nossa vida», grande filme de William Wyler, com Dana Andrews, Teresa Wright, Fredric March.





«Adúltera», de Claude Autant Lara, obra-prima do cinema francês (Gerhard Philipe e Micheline Presle).



«Desencanto», de David Lean, um dos maiores filmes do cinema (Trevor Howard e Celia Johnson).



«Na cova das serpentes», de Anatole Litwak, um dos raros congraçamentos do cinema com a psiquiatria (Olivia de Havilland e Celest Holm).



«Tesouro de Sierra Madre», John Huston, admirável filme (Humphrey Bogart, Walter Huston e outros).



ALICE GONZAGA para "A CENA"

A NOSSA CAPA: ELAINE STEWART

Uma das grandes belezas de Hollywood ainda um pouco desconhecida, mas que vem alcançando grande sucesso nos dois últimos anos. Pertence aos estúdios de Culver City, com um ótimo salário.

O primeiro passo que esta garôta de Mont Clair, New Jersey, deu para o caminho do estrelato, foi mudar o nome de Steinberg para Stewart. O segundo foi tornar-se modêlo, frequentado ao mesmo tempo cursos de danças clássicas e arte dramática, e terceiro, ingressar na TV. Chamou a atenção de todos com o seu desempenho em "Assim estava escrito", um filme real sôbre a vida de um produtor de Hollywood, aquêle ótimo filme estrelado por Kirk Douglas e Lana Turner. O público deu logo o seu veredito, e os publicistas começaram a fumar... Houve mais propaganda e mais filmes. Aí ofereceram-lhe o papel de "Ana Bolena" em a "Rainha virgem" e figurou em "Dá-me tuas mãos", com Richard Widmark.

As revistas e os jornais procuram publicar seus retratos, pois sua maravilhosa silhueta é uma das causas do seu sucesso. E é fotogênica em todos os ângulos; qualquer rapaz assobia diante do seu retrato! Dizem que tem um especial "quê" como também tem Marilyn Monroe, porém com sua personalidade. E' a preferida da marinha, da aviação e de todos. Possui os titulos de "Cover Girl", "Miss Calender Girl", "Miss See", "True Story" e "Miss Billboard" (rainha da marinha), quando cada componente do pelotão lhe enviou uma rosa vermelha de presente. O que terá feito de mais de 400 rosas? Diz Susana Scheirer, lá do estúdio, que a única jarra que encontrou foi uma banheira.

Diante de um "menu" variado e complexo, prefere o popular espinafre como o Popeye, uma deliciosa sopa de tomate, puré de batatas e bife. Não resiste a um sorvete de chocolate a qualquer hora do dia. Suas roupas são feitas para realçar o seu "glamour" e a sua maquilagem é perfeita. Domina muito bem o idioma alemão. Seu cantor predileto é Frank Sinatra. Adora sua familia. Seu pai, um policia aposentado e mamãe Hedwig Steinberg retribuem o seu afeto. Elaine surgiu quando todos os produtores procuravam uma concorrência a Fox e a Marilyn Monroe e de acôrdo com a bilheteria, o público está comprando "sex-appeal", da mesma maneira que faziam nos velhos anos de Theda Bara! Os tempos voltam, com outras concepções, mas o fundo de sexo é o mesmo.



DUAS PRÉ-

JONALD, EXCLUSIVO

3

OFERECE-SE UMA CAMAREIRA

A camareira troca de empregos. E, atravé dos mesmos, vão surgindo uma série de alegres e diferentes histórias. Do seu lado pessoal há também um irreverente caso. E' noiva e seu apaixonado não deseja trabalhar, aguardando a morte de um parente a fim de herdar uma fortuna. A história escrita especialmente para o cinema, representa uma contribuição da Itália ao "ciclo" dos filmes compostos de muitos contos. E também para um outro: o de reunir uma forte seleção de grandes atores do país. Os intérpretes vão surgindo em pequenas partes, em cada um dos empregos da camareira, como integrantes de suas aventuras. A idéia é apreciável e excelentes os atores. Entretanto, pairam alguns erros no conjunto. A adaptação roubou uma parcela do interêsse devido a um seguimento com excesso de diálogos e por forçar algumas situações. Giorgio Pastina o diretor, não retirou tôda a finura humorisaica que se poderia insuflar dos acontecimentos. Embora tudo indicasse o caminho de seguir, a escola tão natural do cinema italiano, o fêz sem vigor, de forma a ficar mais clara a ficção. Há muitos curiosos instantes e bom partido que alguns grandes atores retiram das suas aparições. De forma que, embora não acreditando muito nas ocorrências, esta falta de espontaneidade é diminuida pelo elenco. Aldo Fabrizi (em primeiro plano), Vittorio de Sicca, Gino Cervi e Isa Miranda tornam interessantes as suas presenças. Elsa Merlini, a personagem central, embora tenha valor não foi suficientemente controlada na parte da camareira. Ainda assim, é razoável o seu trabalho, não sendo por sua culpa que o filme não cresça mais. Outros conhecidos atores completam o elenco: Edoardo Pampino, Titina de Filippo, Giulietta Massina, Alberto Sordi, Delia Scala, Dino Sassoli e outros. Acabamento técnico à altura do cinema italiano, com Domenico como diretor de fotografia. Titulo original: "Cameriera bella presenoza offresi". Itália C.E.I.

O público está comprando «sex-appeal» tipo Elaine Stewart e outros, das folhinhas...

ESTRÉIAS

PARA "A CENA"

5



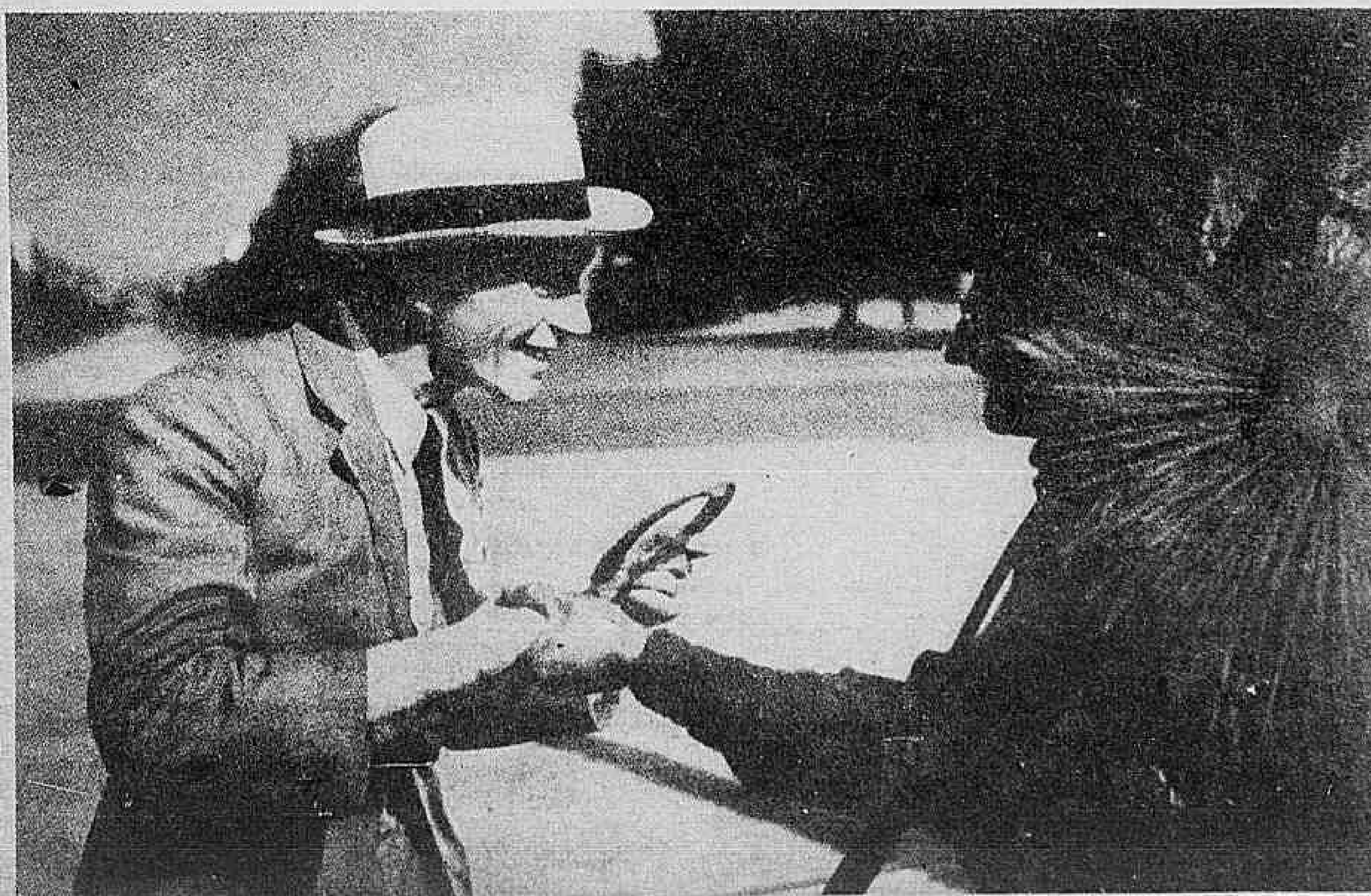
Uma cena de «Oferece-se uma camareira», outro filme composto de vários contos, com numeroso elenco de «astros», onde se destacam Vittorio de Sicca, Aldo Fabrizi, Isa Miranda, Gino Cervi e outros.

BALADA EM BERLIM

ASSISTIDO EM BUENOS AIRES

Apesar de a película ter sido premiada como a melhor do Festival de Veneza, em 1949, e de grandes elogios da crítica européia, jamais poderíamos supor que se tratasse de um celulóide tão altamente excepcional. Sem dúvida alguma, êste é o filme mais diferente a que assisti em tôda a fase do cinema falado. Não há pròpriamente uma história nem tampouco um vínculo de continuidade. As imagens parecem caminhar ao acaso, conforme os passos e os próprios pensamentos do protagonista. O pouco que se pode chamar de argumento prende-se ao seguinte: um soldado alemão regressa a Berlim, devastada pela guerra. Procura a sua antiga morada que externamente está destruída, embora o mesmo não aconteça ao interior. Encontra outros moradores, que se declaram seus proprietários. Há uma combinação entre os três e, a seguir, o herói revive fatos do passado, do presente ou da atualidade, sem um rumo certo, ao sabor dos pensamentos. Talvez que alguém, neste instante, esteja lembrando que esta idéia foi empregada em "Cidadão Kane" e, depois, em alguns outros filmes. Entretanto, não há a menor semelhança na maneira com que foi transposta. De comêço ao final o filme traz uma das mais importantes mensagens que o cinema já apresentou, em qualquer tempo. Critica o próprio mundo, os principais governos, o egoísmo e a maldade humanas. Ao contrário, utiliza ironia sutil por vêzes mordaz ou nostálgico e, em outras, francamente humorística. São tão poderosos os ensinamentos e há tamanha fôrça descritiva que tornam êste celulóide uma inesquecível obra de arte e pensamento.

O diretor que tão inesperadamente coloca seu nome entre os maiores cineastas da atualidade é R.A. Stemmle. Durante muitos anos foi assistente de Fritz Lang e sòmente pouco antes do conflito mundial foi que se lançou na orientação dos filmes. O seu estilo, lembra em muitos instantes, os de Chaplin, Clair ou Lara. Talvez possa parecer exagêro mas há muitas coisas que poderiam ser assinadas por qualquer dos cineastas acima. Tenho a opinião de que o gênio dêste filme tem a origem no sofrimento. R.A. Stemmle deve ter sofrido um imenso desgôsto com a destruição da Alemanha durante o nefasto regime de Hitler. As observações que despontam em todo o desenrolar, embora aparentemente suavizadas pelo manto da sátira, demonstram uma magistral profundidade. Tanto na crítica que efetua do infeliz govêrno alemão, daquela época, quanto de todos os males principais da humanidade, o seu poder de estudo faz pensar.



Não se inspirou em Chaplin. Em nenhum momento copiou o mestre. Contudo, é tão espontâneo o sentido humano das coisas que instintivamente traz à lembrança o realizador de "Luzes da cidade". Tampouco se apoiou em Clair ou Lara mas a argúcia da irreverência é perfeitamente ao nível do realizador. Depois, o seu realismo não lembra o de De Sicca e outros: é da mesma classe. Grande técnico no "montage" — durante muitos anos foi considerado o maior especialista no gênero, na Alemanha — pôde obter um dos mais perturbadores ritmos que é possível imaginar. O lado plástico-estético revela também o esteta da arte. O mais impressionante de tudo é que é fácil deduzir que esta obra-prima foi realizada com absoluta parcimônia de recursos. Há muitos exteriores e, em geral, são pobres os interiores montados. Sem qualquer apoio no espetacular, Stemmle conseguiu o que poucos diretores obtiveram em longas carreiras mas o fêz abrindo o próprio intimo. O filme presta-se mais que qualquer outro, a uma análise íntima de outros fatos, também reais, em volta das auto-observações psicológicas do realizador. Gert Frobe é o personagem central. Natural, simples, humano, captou todo o sentido da obra. Vive o papel de tal maneira que auxilia o instintivo transporte à admirável atmosfera que as imagens refletem. Ute Sielisch, Tatiana Sais, Arisbert Wascher têm também destacadas participações. E' uma obra prima.

Uma obra prima de cinema, que bem merece a máxima classificação: «Balada em Berlim».



«Rainha de Sabá», filme italiano, distribuição Columbia, com a «estrêla» Leonora Ruffo, que estêve no Festival de S. Paulo.

CARTAZES em Revista

Orientação crítica de JONALD, L. BOLTSHALSER, H. ANDERSEN, SANIN e I. PÔRTO
Em São Paulo: C. MAXIMIANO e A. NYFFENEG.

Cotações de A CENA (de 0 a 5 pontos): 5 — excepcional; 4 e 4 ½ — ótimo e admirável; 3 e 3 ½ — bom e muito bom; 2 e 2 ½ — sofrível e regular; 1 e 1 ½ — fraco; ½ — detestável; 0 — inqualificável.

LANÇAMENTOS NO RIO

PRÉ-ESTRÉIAS

4 — "O MENINO E A MULA"

Eis aqui um filme que se salienta pela sua delicadeza e extrema simplicidade, tão sem complicação, acessível e humano. Desamparado tècnicamente, prejudicado por uma cópia maltratada, sobra-lhe entretanto em qualidade artística. Não é obra-prima de cinema mas uma fita que encanta e cativa. Dirigida por Maurice Cloche, baseia-se em um romance de Paul Gallico (autor de «Lili») intitulado «Never take a no for an answer». A trama é a mais direta e simples. Um órfão possui uma mula com a qual tira seu sustento. Adoecendo, acredita que São Francisco a curaria e quer levá-la à cripta do Santo. Peppino, o garôto, se dispõe a ir até o Papa para obter a permissão a fim de que fôsse aberta a cripta do Santo. A personagem nos conquista desde sua primeira aparição atrás de um balcão maior que êle mesmo. A atuação do menino Vittorio Manuta é uma das mais absorventes e extraordinárias, repleta de espontaneidade e sugestão, comparável à de Bobby Henrey em «O ídolo caído» e perde sòmente para uma Brigitte Fossey em «Brinquedo proibido». E que ótimos momentos há, na seqüência da igreja, nas cenas iniciais em que o menino sai com sua mula, e a insistência em ver o Papa! Pela sinceridade da interpretação e a sensível história, bem adaptada e dirigida, «Peppino e Violetta» é um dos interessantes filmes do ano.

3 — "AS AVENTURAS DE PETER PAN"

Uma produção de Walt Disney é sempre aguardada com interêsse. Tanto mais que êle se vem dedicando a produzir filmes com artistas de carne e osso e documentários. São êstes últimos que têm superado francamente os desenhos. «Peter Pan» não supera nem é inferior aos últimos desenhos. Isso porque a forma de Disney é sempre a mesma, sustentando-se êles pelo assunto. E temos, mais uma vez, a dublagem para o português. No diálogo, torna-se cansativo qualquer espetáculo assim. Na música seria o mesmo que se assistir na Itália a «Cantando na chuva» com seus números musicais cantados em italiano. A figura de Peter Pan parece ter sido desenhada tendo em vista o ator juvenil Bobby Driscoll, que fêz a voz do personagem no original. Apesar dos pesares o espetáculo agrada de um modo geral, pelos acontecimentos idealizados por James M. Barrie, pela figura do Capitão Gancho e por certos detalhes criados por Disney e não constantes do original. Mas o que supera fartamente o desenho é o admirável documentário «Aves aquáticas», em um primoroso trabalho de equipe. Já foi analisado por Jonald e A. Nyffeneg. Atinge seu ponto máximo com a sincronização da Rapsódia de Lizst com o movimento das aves. É um dos mais notáveis do cinema.

2 ½ — "É PROIBIDO BEIJAR"

Traz em sua parte mais importante, o roteiro, o nome de Fábio Carpi (o responsável pelo elevado nível como argumento e estrutura de «Uma pulga na balança») e que teve a colaboração de Maurício Vasques, um dos autores do bom «script» de «Na senda do crime». Esta comédia é mais despretenciosa do que a outra, mas absolutamente superior a «Esquina da ilusão». A história de De Steffani é interessante e o diálogo é bom. Deve-se registrar que êsse diálogo é abundante e o público se vê prêso ao mesmo. Contudo há movimentação capaz de prender a atenção. Ótima seqüência é a da Ginkana, no final. O diretor é Ugo Lombardi, que realizou, sem recursos, uma fita não de todo má, o «Hóspede de uma noite». Contratado pela Vera Cruz fotografou o inteligente «Uma pulga na balança». No malogrado «Areião» apresentou razoável trabalho em seu setor. A fotografia de «É proibido beijar» também é sua, e de boa qualidade. Pràticamente seu setor de direção já se achava favorecido pelos recursos técnicos e materiais da produtora, e pela história razoável e o «script», que não tropeça. Os atores representaram bem seus papéis: Tônia Carrero, Mário Sérgio, que vem sempre progredindo, Ziembinsk e Inesita Barroso. Em segundo plano, Oteldo Zeloni. A cenografia de José Maria dos Santos é bem cuidada e a música de Simonetti é felizmente adequada. FICHA TÉCNICA: Produção nacional da Vera Cruz. Argumento: De Sttefani. Roteiro de Fábio Carpi e Maurício Vasques. Fotografia e direção de Ugo Lombardi. Cenografia de José Maria dos Santos. Música de Enrique Simonetti. Elenco: Tônia Carrero, Mário Sérgio, Ziembinsky, Inesita Barroso, Oteldo Zeloni, José Ribens, Renato Consorte, Tito Lívio Baccarini e Margot Bittencourt. Distribuído pela Columbia Pictures.

1 ½ — "DÚVIDA"

O público assiste com apatia e desinterêsse a esta película nacional apenas para ver onde as coisas vão dar, apesar da intriga policial que é o centro da película. Faltou-lhe um roteiro que fôsse capaz de sustentar o espetáculo como narração, suprindo a insuficiência da história e direção. Foi o roteiro excelente que atenuou as falhas de história e interpretação de outros filmes como «A senda do crime», da Vera Cruz, «O Saci», «A carne», etc. Esta película escrita, produzida e dirigida por Lundgreen é narrada com inexpressividade e frieza. Não há um ritmo que faça o espectador se sentir dentro da história. Apenas uma seqüênica há que parece indicar uma elevação de ritmo, ação e interêsse. Mas logo essa impressão se desfaz, ficando o dito por não dito. Como conseqüência dessas insuficiências o filme é de ponta a ponta monótono. Fada Santoro e Carlos Cotrim estão bem aceitáveis. E como nota curiosa a música de Luís Bonfá, em solo de violão que acompanha discretamente o desenrolar, mas que por outro lado peca pela ausência aonde deveria estar presente. Merece menção a fotografia de Tamarski. Guaíra Filmes.

2 ½ — "A RAINHA DE SABÁ"

Evidentemente, tomou-se liberdades em relação às personagens do Rei Salomão e da Rainha de Sabá. São meros pretextos para a realização de um grande espetáculo visual. Não apresenta relêvo essa narrativa desenrolada na era A.C. Nota-se descuidos de corte e montagem, e uma direção sem maiores qualidades, por parte de Pietro Francisci. Gino Cervi é o rei de Jerusalém, e não tem grandes oportunidades mas, como ator de fato que é, apresenta-se como o único que se salva. É medíocre a interpretação geral: Leonora Ruffo, com recursos bem bisonhos e primários de interpretação dramática; Gino Leurini, Isa Pola, Mario Ferrari (o engenheiro de «Areião»), Nita Dover e outros. É desagradável se perceber a dublagem: os atores movendo os lábios, enquanto a voz vem de primeiro plano. Felizmente a fotografia se apresenta intacta, o que se deve ao fato de a Columbia ter distribuído o filme entre nós (caso de «Messalina»), não tendo havido possibilidade de um daqueles trabalhos inferiores de copiagem que se encontram em filmes italianos exibidos entre nós (vide a excelente qualidade fotográfica dos filmes italianos apresentados no Festival) o que nos levava a atribuir fraquezas técnicas ao cinema da Itália. A música de Nino Rota satisfaz. «La regina de Sabá», estreada em S. Paulo.

LANÇAMENTOS A PARTIR DE 14 DE JUNHO

2 — "O IMPLACÁVEL"

Por muitas vêzes, no cinema silencioso, o cinema reverenciou «Os miseráveis», de Victor Hugo. Não assistimos a êsses filmes mas, no falado, a soberba versão de Raymond Bernard, com o genial Harry Baur (rememorada no retrospecto de «Os melhores de todos os tempos» — CENA 17, página 7) é antològicamente a melhor de tôdas. O filme de Boleslawsky, para a 20th. C. Fox, versão americana, ainda foi um ótimo trabalho, com duas fabulosas atuações de Fredrich March e Charles Laughton. A volta dêste assunto causa até mal ao espectador que tenha assistido às outras transposições. Começa que o autor do roteiro quis demonstrar a sua «inteligência». Aos poucos, foi modificando os fatos, com a presunção (coitado!) de tornar mais lógicas as páginas do grande Victor Hugo. A deturpação é sempre crescente e chega ao auge, no epílogo, porque desta vez Jean Valjean não morre! O responsável pelo desastre foi Richard Murphy, o infeliz que se julgou melhor que o saudoso escritor. Lewis Milestone, um dos grandes diretores do cinema, possìvelmente verificou a inutilidade de qualquer esfôrço porque a estrutura, fora das alterações do livro, já era débil na própria essência. Entretanto, isto não justifica a sua displicência. O desenrolar é frio, apático. Nem mesmo os grandes momentos, que, no tocante aos fatos, não poderiam ser suprimidos pelo cenarista, não causam a menor emoção. Apenas no tocante a uma questão técnico-artística, a dos ângulos da máquina, se notou, de quando em vez, que havia a presença de um cineasta na

direção. Fora disto, a mediocridade é chocante. Michael Rennie, inexpressivo, sem a máscara que o papel requeria, foi absurdamente indicado para Jedn Valjean. Robert Newton é o único apreciável do elenco. Porém, a sua composição de Javert perde, muitas vêzes, para a de Charles Vanel, na imortal versão francesa ou frente à de Laughton, na penúltima americana. Outra lástima foi verificar o declínio da inesquecível Sylvia Sydney. A outrora famosa «estrêla» faz o papel de Fantine, aliás muito pequeno, apenas razoàvelmente, perdendo, também, no confronto, para as duas versões já citadas. A extraordinária atriz de «Vive-se uma só vez», «Fúria», «Uma tragédia americana», etc. não foi suficientemente solicitada e está em declínio. Até o magnífico Edmund Gwenn não conseguiu avivar as suas inegáveis qualidades, no papel do vigário que recolhe Valjean. Debra Paget é apenas uma mocinha bonita mas sem nenhum talento, em Cosette. Cameron Mitchell é o pior do filme, em um horrível Marius. Há bons coadjuvantes, mal aproveitados, como Elsa Lanchester, Florence Bates, Joseph Wiseman (o bandido de «Chaga de fogo») na «ponta» do tribunal e outros. Título original: «Les Miserables», 20th. C. Fox, estreado no Império e circuito.

½ — "OS FILHOS DE NINGUÉM"

Um autêntico dramalhão, como se fôra um dos antigos filmes italianos do cinema silencioso, mas transposto para a época atual! A história, péssima, mostra um jovem rico (Conde, interpretado por Amedeo Nazzari, coitado) e uma jovem pobre (Yvonne Sansom), filha de um dos mais humildes dentre os personagens secundários que aqui estão. Há a mãe do herói, a Condessa, naturalmente (a atriz Françoise Rosay, teatral), que não pode permitir tal romance; o vilão, um feitor (Folco Lulli), que não simpatiza em nada com o Conde; a conspiração de ambos para afastar os amantes; a viagem do herói arranjada como pretexto; a despedida às ocultas; as cartas interceptadas; a fuga da mocinha (que nesta altura havia perdido o pai) na tempestade; a suposta morte da mesma, por afogamento; a volta do mocinho, que vem a saber da sorte da amada e por ela chora; o desprêzo pela mãe que fizera «tudo para o seu próprio bem, meu filho»; uma busca desesperada pelo corpo da pseudo-morta; logo depois o nascimento do filho da heroína (o pai é o Conde, é claro); o casamento do Conde com outra mulher; a descoberta por parte do vilão, do paradeiro da mocinha e seu filho; o rapto da criança, durante a ausência da mãe; o incêndio, no qual a pobre mãe desvairada julga que o filhinho morreu. E o remédio é entrar para um convento, depois de tanto sofrimento! Temos, então, a indefectível passagem de tempo (12) anos, quando encontramos o Conde visitando no convento a ex-amada agora freira. E vai por aí a película, com mais reviravoltas, o encontro casual da mãe com o filho, do filho com o pai, sem que nenhum saiba quem é o outro, até que lá pelas tantas, depois da morte da Condessa arrependidíssima, e mais patifarias do vilão, o pobre menino sem pais morre em uma explosão. Causa dó tanta maldade, em pura perda.

REGISTROS

«A TRILHA DA AMARGURA» — A principal credencial dêste filme é uma péssima credencial: é colorido em Pathecolor, processo que fixa principalmente o azul, esmaecendo as outras côres. No elenco estão incluídos os nomes de Robert Stak, Joan Taylor, Charles McGraw. A direção é de Lesley Selander e distribuído pela United. Lançado no cinema Vitória e circuito.

«MULHER SEM AMOR» — Distribuído pela Columbia, lançado no cinema Pax, êste filme mexicano em nada se credencia. O elenco é integrado por Julio Villareal e Rosario Granados .

«MONSIEUR BEAUCAIRE» — Reapresentação de sucesso de Bob Hope e Joan Caufield, a comédia narra as peripécias de um barbeiro na côrte de França, anterior à Revolução Francesa. Filme em branco e prêto explorando com certa felicidade o caráter histriônico do famoso cômico do cinema americano. Em exibição nos cinemas Alvorada, Leme e S. Pedro.

3 — "DELICIOSAS NOITES DE AMOR"

Dificilmente poderíamos prever uma transposição de Boccacio à tela, principalmente se realizada pelo cinema norte-americano, sem trair o malicioso moralista do século XIV. Êste filme, entretanto, graças principalmente à direção de Hugo Fregonese, se não é particularmente fiel aos Contos do Decameron, se não está impregnado da audácia de um «Barba Azul», de Pierre Brasseur, conseguiu, todavia, pelo menos, manter o clima da obra que o inspirou. Não traduz o clima pelas situações, mas pelos subentendimentos, pela interpretação, pelos diálogos reticentes, pela música de Anthony Hopkins, pelo colorido bem captado pela câmara de Guy Green. A película se bem que leve, agradável, constituindo um divertimento prazenteiro, não chega entretanto a impor-se verdadeiramente em suas pretensões. Peca sobretudo por uma certa monotonia, traduzida na repetição das ações, pela inexpressividade da maioria das situações que após o primeiro conto, «A Virtude não tem preço», perdem o ineditismo, muito embora com tramas sensìvelmente diferentes. A propósito da interpretação deve-se louvar a correção de Joan Fontaine que, seja em Fiammetta, Bartolomea, Ginevra ou Isabella, consegue interpretações corretas dignas de suas atuações anteriores e, o que é mais louvável, não as desmerecendo. Louis Jourdan, se bem não mereça a mesma adjetivação atribuída a Joan Fontaine, desincumbe-se adequadamente da missão que lhe fôra confiada, fazendo valer sobretudo o magnífico físico. Binnie Barnes, Godfrey Tearle, Stella Rilley e outros completam o homogêneo elenco. «Deliciosas Noites de Amor», um filme de episódios, foi lançado no cinema Plaza e circuito, é uma produção da R.K.O. cujo título original é «Decameron Nights».

2 — "CAVALGADA DE PAIXÕES"

«Cavalgada de Paixões» narra a história do desenvolvimento de uma cidade, Sevillinois, próxima a Chicago e bafejada pelo surto de progresso que permitiu o desenvolvimento da grande vila industrial norte-americana. Lastimàvelmente, tudo fica na superfície, nenhum fato é encarado com seriedade, ninguém se detém a uma análise mais autêntica dos fenômenos sociais do desenvolvimento. O filme resulta narrado sem amor e sem entusiasmo e o próprio protagonista, Ben Halper, vivido por David Wayne com a correção e discreção habituais. A espôsa irreconciliável com os hábitos de pequena cidade é a graciosa Jean Peters. Sem ser pròpriamente um musical a película não se furta a incursões no gênero, em medíocre número de sapateado e, vez por outra, com canções a quatro vozes sôbre música de Alfred Newman. A direção sentimentalesca de Henry King apenas construiu imagens de medíocre correção baseadas na cenarização de Maxwell Shane. No elenco inclui-se os nomes de Albert Dekker, Helene Stanley, Tommy Morton e outros. Produção americana da Fox, cujo título original é «Wait till the sun shine, Nellie», lançada nos cinemas do circuito Odeon.

"BÓLIDES"

(FILMES ESTREADOS ÀS ESCONDIDAS DO PÚBLICO, NOS BAIRROS OU FORA DO CENTRO DA CIDADE)

2 ½ — "MÓRBIDA FASCINAÇÃO"

Filme policial rotineiro, é mais uma exploração da história de «Jack, o estripador» com tantas versões que já não sentimos qualquer emoção no seu desenvolvimento. O delineamento do assassino é marginal, preocupando-se o cenário de Bill Raynor (também o autor da história) com o trabalho da polícia para a solução do caso. Tenta, portanto, seguir a escola do semi-documentário. O tratamento dado pelo diretor Arnold Laven consegue colocar o filme num nível razoável devido a sua agilidade proposto por ritmo, não muito seguiro, mas convincente. Uma bem cuidada fotografia de Joseph Biroc aumenta o crédito da película que conta com um elenco discreto, quase desconhecido: Adam Williams, Meg Randall, Edward Binns, Harlon Warde, John Maxwell, Angela Stevens e Byron Kane.

2 — "SIMBAD, O MAREADO"

É uma produção Mier & Brooks de 1950, não dando para avaliar o valor do cômico mexicano Tin Tan lançado como rival de Cantinflas. Abusando de caretas, Tin Tan, entretanto explora bem o gênero das «perseguições» (de grande sucesso no passado) criando situações hilariantes. Bem elaborado, ao contrário da precária qualidade dos filmes de Cantinflas não possui porém a valorização e o conteúdo humano do «anjo das calças caídas» (como Vinicius de Morais o chama). A história de um guia de Acapulco que desejava casar com rica turista é narrada, à base de absurdos, aos trambulhões, carreiras, confusões, músicas, sem muito aproveitamento pelo diretor Gilberto Martinez Solares. No elenco Thelma Ferriño (a melhor, embora estreante), Marcelo Chavez, Jacqueline Evans e Vitola. Esperemos outros filmes dêsse cômico que demonstrou certas qualidades nessa película. Título original: «Simbad, el mareado».

2 — "TRÊS PASSOS AO NORTE"

O «credit» dêsse filme é seu elenco composto de ótimos atores como Aldo Fabrizi, Lea Padovani, Loyd Bridges, William C. Tubbs (o pastor protestante de «Paisa» que ficou filmando na Itália até o ano passado, quando morreu num ataque do coração), Adam Genette, bem como o cenarista Lester Fuller. Porém a história de Robert Harari não traz novidade e a direção de W. Lee Wilder não traz emoção. É quase transformado em filme policial, a história do «G. I. Joe» traficante do mercado negro na Itália que esconde seu «lucro» para depois de cumprir a pena voltar e gozá-lo. A atmosfera criada pelo diretor é de cartão postal, embora o filme tenha sido filmado na Itália mesmo, não tendo dinamismo criador. A fotografia de Aldo Giordani e as cançonetas que acompanham o filme, dão-lhe um ar de autenticidade regional. Verdadeiramente, foram as interpretações que salvaram o espetáculo. Fabrizi e Padovani em sinceros desempenhos reafirmam sua classe e Bridges, embora estereotipado, consegue convencer nessa produção de 1952 da United Artists. Exibido em programa duplo com «Mulheres indomáveis» e lançado no Iris dia 10 de junho, com o título original «Three steps on north».

0 — "MULHERES INDOMÁVEIS"

Quatro aviadores americanos durante a guerra vão ter a uma terra desconhecida, habitada por mulheres (Amazonas), por animais pré-históricos (de borracha) e pelos «homens-barbudos». Os «mocinhos» defendem as belas e jovens (tôdas) amazonas de seus inimigos para no fim o «astro-mor» escapar ileso e sòzinho do terremoto e sossôbro total da tal ilha. O diretor dessa produção Jewell Enterprises Productions foi W. Merle Connell (?) que com bastante mau gôsto leva o filme em ritmo de «fita em série». Mikel Conrad, Doris Merrick, Richard Monaham, Mark Lowell, Midge Ware, Morgan Jones e outros compõem o medíocre «cast» dêsse filme que recomendamos aos leitores não perderem tempo em ver. Lançado no Iris, dia 10 de junho do corrente, com o título original «Untamed women».

LANÇAMENTOS EM SÃO PAULO

«A UM PASSO DA ETERNIDADE» («From here to eternity») — Columbia, com Montgomery Clift, Deborah Kerr, Burt Lancaster e Frank Sinatra. Direção de Fred Zinneman. (No Art Palácio, Opera e circuito de 21 casas).

«PANTANO SINISTRO» («Shark River») — United, com Steve Cochran e Carole Matthews. Direção de John Rawlins. (No Marrocos).

«SOB O COMANDO DA MORTE» («The Command») — Primeira produção da Warner em C-Scope. Direção de David Butler. Com Guy Madison e Joan Weldon. (Lançado a 7 de junho, no Bandeirantes).

«BONZO NO COLÉGIO» («Bomzo goes to college») — Universal, com Maureen O'Sullivan e Edmund Gwenn. Direção de Frederick de Cordova. (No Ritz).

«PRISIONEIROS DE CASBAH» («Prisioners of the Casbah») — Columbia, com Gloria Grahame e Turhan Bey. Direção de Richard Bare. (No Ipiranga).

«A CARNF É FRACA» — Produção francesa, com Madeleine Lebeau e Jacques Castelot. Direção de Willy Rosier. (No Jussara).

AGUARDEM NA PRÓXIMA SEMANA NOS CINEMAS

SÃO-LUIZ
FONES: 25.7679-25.7459

IMPERIO
FONE 22.9348

COPACABANA
FONE: 472803

MIRAMAR
★ LEBLON ★

CARIOCA
FONE 28.8178

CENTRAL
★ NITEROI ★

MADRID
★ TIJUCA ★

MONTE CASTELO
FONE: 29.8250

SANTA ALICE
★ B. BOM RETIRO, 1095 ★

PAZ-CAXIAS
★ CAXIAS ★

MADUREIRA
FONE: 29.8733

CAPITOLIO
PETROPOLIS



HERBERT J. YATES apresenta

Escuna do DIABO

("FAIR WIND TO JAVA")

Em TRUCOLOR

Esta é uma história das Indias Orientais em 1883, quando, nos belos mares de Java, a Natureza apresentou o espetáculo mais espantoso da História...

O mais empolgante romance dos mares até hoje apresentado na tela!

com

FRED MacMURRAY · VERA RALSTON

VICTOR McLAGLEN

ACOMP. COMPLEMENTOS NACIONAIS

REPUBLIC PICTURES

IMPROPRIO PARA CRIANÇAS ATÉ 10 ANOS

OS MELHORES FILMES DE TODOS OS TEMPOS

(Continuação da pág. 9)

realização. Foi uma adaptação de uma magnífica novela de Kressman Taylor, de incisivo conteúdo anti-nazista. Inesquecível a composição dos quadros, funcional com a dramaticidade das imagens. Paul Lukas, extraordinário, ao lado da filha de Sam Wood, K. T. Stevens, cuja carreira foi efêmera, Carl Esmond, Morris Carnowsky e Peter Van Eick.

8.º — "UM BARCO E NOVE DESTINOS" ("Lifeboat", United). Verdadeiro prodígio o de orientar um filme inteiro em pequeno barco, de metros de comprimento, e manter uma ansiosa expectativa e "crescendo" ininterruptos. Quem obteve êste milagre foi o mestre Alfred Hitchcock. Talluah Bankhead, William Bendix, Ian Hunter e outros compunham um excelente "cast".

9.º — "O DIABO DISSE NÃO" ("Heaven Can Wait", 20th. C. Fox). O último dos grandes filmes do saudoso Lubitsch ainda foi um celulóide tão excepcional quanto os já referidos. A ironia aguda, as sutilezas de descrição, o humorismo pleno de finuras ressurgiram neste tão delicioso filme. Don Ameche, Gene Tierney e o falecido Laird Cregar, no papel de diabo, estiveram perfeitos.

10.º — "DE AMOR TAMBÉM SE MORRE" ("The Constant Nympha"). A suave e triste poesia da peça de Basil Dean resultou em outro marcante trabalho do ano. Aliás, foi a terceira filmagem do assunto na tela. Joan Fontaine, Charles Boyer, Alexis Smith e Marcel Dalio satisfizeram como poucas vêzes.

11.º — "ERAM CINCO IRMÃO" ("The Sullivan", 20th. C. Fox). Aproveitando um caso verídico, Lloyd Baccon logrou o único filme excepcional da sua longa carreira. O sentido simples e humano lembrou a classe de famosos diretores, como o King Vidor na sua gloriosa fase. Porém, foi uma fortuita inspiração pois não repetiu essa culminância.

12.º — "MAIS FORTE DO QUE A VIDA" e "REVOLTA" (respectivamente da 20th. C. Fox e Warner). Ambos dirigidos por Lewis Milestone, em excepcional forma, e ambos tratando de temas de guerras justificaram simultânea inclusão a fim de encerrar a lista dos mais destacados filmes de 1954. O primeiro ("The Purple Hearth"), uma forte história de Melville Crossmann, contou com Dana Andrews, Richard Conte, Richard Loo (o melhor de todos) e Farley Granger. O segundo, com Ann Sherida, em um dos memoráveis desempenhos da carreira, Errol Flynn e outros foi um celulóide corajoso e vibrante, conforme algumas das características dêste grande cineasta, atualmente em declínio.

De muita fôrça, ainda, os filmes que se seguiram após a seleção dos máximos do ano:

"POR QUEM OS SINOS DOBRAM" (Paramount). "Son Wood", mesmo sem obter um dos seus mais preciosos filmes, impressionou nesta adaptação de um livro de Ernest Hemingway. Gary Cooper, Ingrid Bergman e Akim Tamiroff em grandes atuações; "A PATRULHA DE BATAÃ" (Metro). Outra obra de acentuado valor no "ciclo" dos filmes de guerra. Tay Garnett ressurgiu de maneira surpreendente, conseguindo um absorvente clima de emoções; "JANE EYRE" (20th. C. Fox). De famoso romance, Robert Stevenson, aproveitando também sugestões do cineasta e intérprete, Orson Welles, logrou um admirável filme. Joan Fontaine, Margaret O'Brien e Peggy Ann Gardner completavam bem o elenco: "A DAMA FANTASMA" (Universal). Robert Siodmak, inspirado e em seu elemento, o pavor, conseguiu algo capaz de figurar nas melhores antologias dos filmes de "suspense". Franchot Tone, em um estrangulador, Ella Raines, Elisha Cook Junior, Thomas Gomes e outros; "A MALDIÇÃO DO SANGUE DE PANTERA" (RKO). Fugindo à regra geral, a continuação de "The Cat People" foi de nível quase tão perfeito quanto o celulóide de Jacques Tourneur. Dirigido por Robert Wise e Gunther Fritch, admiráveis neste trabalho, reuniu Simone Simon, Kent Smith e Jane Randolph; "ANJO PERDIDO" (Metro). A humana simplicidade dêste poético conto infantil, vivido por Margaret O'Brien de maneira encantadora, acompanhada de James Criag e Marsha Hunt; "ATRÁS DO SOL NASCENTE" (RKO). Mais um vigoroso trabalho de clima contra a conflagração mundial, impressionando pela autenticidade com que o Japão foi devassado, através da precisão conduzida pelo diretor Edward Dmytrick.



«O diabo disse não» (20th. Cent. Fox), de Ernest Lubitsch, com Don Ameche.

«Com um pé no Céu» (Warner), de Irving Rapper, com Fredric March e Martha Scott.





«Esta terra é minha» (RKO), de Jean Renoir, com Charles Laughton e Maureen O'Hara.

CINE-RESPOSTAS

AS COTAÇÕES DOS LEITORES DE "A CENA"

*Termina hoje a publicação dos números que foram distribuídos aos leitores que gentilmente responderam à "enquette" "As cotações dos leitores" e aos que primeiro acorreram ao concurso das "reprises". Evidentemente, só entrarão ao sorteio dos sete lindos álbuns os nomes que estão sendo publicados desde "A CENA" n.º 20, de 19 de maio p.p. Através da extração da Loteria Federal, de sábado 26 do corrente, serão sorteados os prêmios. Fica entendido que todos os números da referida extração superiores a 468 serão automàticamente nulos. Como os prêmios são todos iguais, não haverá dificuldades na distribuição pois a ordem, a fim de distribuir os sete álbuns, será relativa ao resultado da Loteria **através dos prêmios** numèricamente maiores, e pela respectiva ordem do sorteio. A todos os contemplados serão enviados, mediante registro, os álbuns. E Rovland despede-se dos amáveis leitores, estendendo não apenas o seu mais profundo agradecimento a todos bem como trazendo a mesma gratidão de todo o atual corpo redatorial da revista. DESTA DATA EM DIANTE TÔDA A CORRESPONDÊNCIA PARA A SEÇÃO DE CINE-RESPOSTAS DEVERÁ SER ENDEREÇADA AO DIRETOR DA COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA.*

HEIZ GUNTHER SCHULZE (Blumenau, S. Catarina) — A sua carta é dessas que causam tal satisfação que se torna difícil agradecer. Todo o corpo redatorial tomou conhecimento do seu entusiasmo. Números para o sorteio dos álbuns: 79,80 e 408. Os números ficaram, assim, "desgarrados", a fim de acertar um claro que havia na distribuição.

LUÍS BONIFÁCIO (Belo Horizonte) — As felicitações, de tôda a organização, pelo seu brilhante resultado no concurso. Em virtude dos motivos citados na página três, dois dos seus artigos inéditos, "Crise no cinema nacional" e "O Saci" foram entregues a nova direção de "A CENA". A gratidão de todos nós. Pedimos acusar a remessa do prêmio.

DARIO HAUER (Rio) — Jonald agradece, sensibilizado, por nosso intermédio, pois ficou satisfeito com o fato de o acompanhar desde "A Manhã", "A Noite", etc. Tem tôda a razão quanto à capa. De fato, foi um lapso, motivado por uma viagem que o secretário teve de empreender. No ponto de vista em que se colocou, acreditamos que a de hoje esteja enquadrada no segundo ponto de vista da sua judiciosa e tão construtiva carta. Gratíssimo por tudo e o restante compreenderá com a leitura do tópico da página três de hoje. Números para o sorteio dos álbuns: 409, 410 e 411.

TOMAZ TEIXEIRA (Rio) — Respondemos, hoje, simultâneamente, as suas duas cartas. Da primeira, seria impossível traduzir o reconhecimento de todos. Da segunda, acreditamos que não tenha razão quanto ao prazo do concurso. Talvez, quando ler a declaração da página três e, novamente, as estampadas na página 13 da "CENA" 23 concordará que não havia outra solução. Tampouco temos culpa de que a maioria prefira o moderno cinema falado ao antigo. Em resumo é o seguinte: os velhos filmes têm sido muito votados, conforme poderá verificar na apuração publicada em "A CENA" 23. Acontece, porém, que cada um guarda determinada lembrança do passado e tem havido franca dispersão de votos. Aliás, o mesmo tem feito o amigo, votando em dezenas e dezenas de diferentes filmes. Não está certo?

MARCOS DE CASTRO CAMPOS (São Paulo) — É possível que na rua Capitão Salomão, 69, em São Paulo, deixando a encomenda dos números que lhe interessam, de "Os melhores de todos os tempos" possa conseguir os mesmos. Fica, hoje, retificado o seu nome. A capa de Jean Simmons não será possível no momento (vide página 3). Agradecemos as referências.

ANTÔNIO FRANCISCO DE OLIVEIRA (Recife) — Tem razão quanto ao primeiro concurso, da "enquette" "A cotação dos leitores". O prazo foi curto mas, afinal, tratava-se de uma opinião relâmpago que, aliás, excelentes resultados produziu. Entre tantas sugestões já aproveitadas, temos a que foi inaugurada, e talvez também encerrada, hoje, com a Filmografia dos grandes diretores. Agradecemos tôdas as suas atenções. Números para o sorteio dos álbuns: 412, 413 e 414.

MÁRIO DOMINGUES (Recife) — O seu trabalho, de muito valor, foi aprovado. Muito grato pelas suas altas referências para com "A CENA". A cidade se defende foi entregue a outra direção da revista.

DURVALTÉCIO DE ARAÚJO FONSECA (Bahia) — As suas preciosíssimas colaborações têm feito sucesso e muito agradecemos, felicitando-o também pelo valor e esfôrço. Tôdas as que ainda não foram publicadas, por falta de espaço, passam as mãos de nova orientação (sr. Costa Cotrim) e são exatamente os seguintes, para o seu devido govêrno: "Filmes Sacros", "Cinema Nacional", "O Maior Espetáculo da Terra", "O Famoso e Cobiçado Oscar" e "Refilmagens". Parabéns pela assiduidade e merecimentos.

R. R. QUEVEDO — Pelas razões hoje divulgadas, passamos um trabalho inédito, de sua autoria, o único ainda não publicado: "Ainda e sempre América", às mãos do substituto de orientação. Gratíssimo pelos seus valiosos trabalhos.

CARLOS AQUINO (Bahia) — Pelas mesmas razões apontadas, passamos dois trabalhos, aprovados e esplêndidos, às mãos da nova orientação: "Vozes feias que são belas" e "Dawn Adams e um desmaio".

JOÃO CARLOS LANGLOIS (Pôrto Alegre) — "Uma coroa para Eliana", uma brilhante colaboração, foi aprovada e entregue ao substituto na revista.

RAYMONDO ANNUNCIAÇÃO COSTA (Bahia) — A Bahia está vencendo, entre os Estado do Brasil, como o de maior número de colaboradores para "A Página do Leitor". Difícil de dizer qual o melhor de todos, aliás, ficaram bem classificados para o concurso e foram mínimas as diferenças dos vencedores. O seu trabalho: "Um grito no pântano" foi aprovado e entregue ao **novo orientador.**

CARLOS ALBERTO (São Paulo) — A sua colaboração foi entregue para o presente número e estamos em dúvida (o espaço) se sairá ou não. Foi aprovada e, caso não seja estampada hoje, a nova orientação a aproveitará.

A última lista dos candidatos ao sorteio dos álbuns, referentes a leitores que deixaram de enviar cartas, anexas aos "coupons" das "Cotações dos Leitores" bem como aos que primeiro enviaram os votos para o segundo concurso.

Valter Lima Júnior (Rio) 415, 416 e 417; "Salomé" 418, 419 e 420; Antônio C. Harb (São Paulo); Rogério Rodrigues (Rio) 424, 425 e 426; José Cherem (Uberaba-Minas) 427, 428 e 429; Teresa de Paula (Rio) 430, 431 e 432; Pedro Pitcov (Rio) 433, 434 e 435; Lolota (Rio) 436, 437 e 438; Hélio Moreira (Belo Horizonte) 439, 440 e 441; Eduardo de Abreu Lima (Rio) 442, 443 e 444; Dora Chaffer (Rio) 445, 446 e 447; Donato Donati (Rio) 448, 449 e 450; Cristiana 451, 452 e 453; Valmir Paiva (Bahia) 454, 455 e 456; Garlano 457, 458 e 459; Marcos V. Denias (Belo Horizonte) 460, 461 e 462; Lourdes Ulassan (Goiás) 463, 464 e 465; Nilton O. Silva (Sergipe) 466, 467 e 468.

A INFÂNCIA DE CHAPLIN

R. R. QUEVEDO (P. Alegre)

Estamos em Londres no distante 1.889. A aproximação do novo século veio brindar o obscuro lar dos Chaplin em Kennington Road. Mais um rebento — o taciturno e raquítico Charles Spencer Chaplin. Essa residência desbotada abrigava um casal de duetistas, já à margem de antigos e estrondosos sucessos nos "Music-Halls". A miséria e a doença circundavam aos poucos introduzindo-se no casarão de Charles e Hannah. O chefe da casa, vencido e doente, entrega-se ao uísque, vivendo assim até 1894 quando veio a falecer.

Hannah, viúva e na miséria é acometida de forte crise nervosa sendo recolhida a um sanatório. Charles abandonado à própria sorte, passa a vadiar e segue idêntico destino. É recolhido a um asilo para garotos e vive dois anos entre muros gigantescos e escuros.

Com a cura de sua mãe, voltam a partilhar da vida em comum para a felicidade de ambos. Aos seis anos o minúsculo Carlitos pela mão caridosa do antigo empresário de Hannah, sobe ao palco pela primeira vez, ganhando um "shilling" por noite. Em 1904 vive por quatorze meses consecutivos o mensageiro Billy em uma adaptação teatral de Sherlock Holmes. Os dezoito anos vêm encontrá-lo transformado num "gentleman", elegante, trajando as últimas criações da moda. O vagabundo de Lambeth, num ciclo de poucos anos, vencera as barreiras iniciais. O vadio de 1900 pisava firme, calculado, com o seu porte atlético, apesar da pequena estatura, era jovial e altruísta.

Fred Karno, dono dos espetáculos musicais em várias salas de Londres foi o primeiro empresário do futuro ídolo do século. Daí começava a ascenção: desaparecia o homem — nascia o artista. Os "Music-Halls" ambientes de luxúria, o colorido ofuscante das poderosas "Gambiarras" prenderam-no por algum tempo. Em 1910 empreende sua primeira grande "tournée" como principal figura dos "Mumming Birds" e vai a Paris. "Follies Bergères", "Olympia" e "Cigale", três ambientes de luxo, ovacionam o inigualável bêbedo de uma noite num Clube Inglês, (um dos seus números). Vinte e um anos de idade contava êle.

Voltando à Londres, a vitoriosa "troupe" recebe ordens para novamente embarcar. Desta vez, num cargueiro o "Cairnrona', rumam para a América, onde o conjunto passa a excursionar. Em Nova Jersey, um ano após, na companhia de "Reeves" assistia a uma festa infantil, quando teve os seus primeiros contatos foto-cinematográficos. Confessaria êle, mais tarde, aos amigos, (não sem um frêmito de ansiedade): "Senti a objetiva paralisar-me os movimentos". Daí por diante estava consumada a atração. Ainda mais porque conseguiu chamar à atenção de Kessel e Bauman, da Keystone. Entretanto, Chaplin foi parar nos estúdios de Mack Sennet (vide o trabalho de L. Boltshalser nas páginas 10, 11, 12 e 13).

Página do Leitor

STANLEY KRAMER — A SALVAÇÃO DE HOLLYWOOD

Numa época em que o comércio subrepuja a arte, abandonando esta para restringir-se à mediocridade das produções em série, Stanley Kramer analisando a situação do atual cinema norte-americano e verificando que êste feneceria pela fôrça da pressão artística dos filmes europeus, resolveu tomar uma séria atitude, a de salvar o cinema "yankee" da mais completa ruína. E assim, imbuído por êste ideal quase cristão, passou a considerar o cinema não como simples indústria mas sim como arte. Começou por abordar os problemas sociais tratando-os com carinho todo especial e entregando-os a diretores competentes, alguns dos quais eram considerados diretores medíocres (vide o caso de Hugo Fregonese). E não foi só diretores que Kramer revelou, deu-nos também atores como Kirk Douglas, Marlon Brando, John Beal e outros.

"The Champion" imortalizou na figura de Midge Kelly, magistralmente interpretado por Kirk Douglas, o "boxeur"; "Clamor huma-

no" abordou com frieza e realismo o problema racial; "The man", foi um hino de louvor aos mutilados de guerra; teve ainda o mérito de apresentar Marlon Brando um dos maiores atores de Hollywood; em "Cyrano de Bergerac", além de elevar mais ainda o nome consagrado de Rostand, nos apresenta um diretor obscuro, Michel Gordon; e, porque não dizer, imortaliza José Ferrer! Kramer fêz a carreira de muitos grandes nomes do cinema americano e reabilitou uns tantos outros. E isso se dá em "A morte do caixeiro viajante", onde vimos com bons olhos o velho Fredrich March revivendo seus grandes dias; e, como Midge Kelly imortalizou o "boxeur" em "The Champion", Willy Loman imortaliza **"apesar da morte"**, o caixeiro viajante.

O gênero de filmes de "westerns" começava a sucumbir; Stanley pensou um pouco, vestiu Gary Cooper de xerife, sentou Fred Zimmerman numa cadeira de diretor e nos enviou o perfeito, o maravilhoso, o incomparável "High noon". Esta película além de seus reais méritos possui ainda dois méritos especiais: primeiro, nos traz de volta o velho Cooper como "ator"; segundo, nos revela Fred Zimmerman como diretor de "westerns" superior a John Ford. Mas Kramer não pára aí: reabilita mais um, Hugo Fregonese, até então medíocre diretor de "westerns" na Universal, e nos apresenta mais um grande ator John Beal, no humano social e até mesmo poético "My six convicts". Um sucesso segue a outro, e o grande homem de Hollywood continua na faina de lançar novos talentosos e de reabilitar velhos artistas. E surge então "Happy Time". Charles Boyer volta a ser ator, Bobby Driscoll e Louis Jordan passam a sê-los, enquanto que Marcel Dalio nos presenteia talvez com sua última grande interpretação. E, tendo Richard Fleisher à direção (outra revelação de Kramer) êstes artistas entoam um hino ao amor...

"Eight iron men", é o mais recente filme de Kramer; novos talentos revelados, novo grande tema a ser explorado, novo tento para o incansável produtor!

Convém salientar o nome de dois homens que muito ajudaram a Kramer: Dimitri Tiomkim, o grande compositor do cinema e Carl Foremam, que adaptou quase tôdas as peças teatrais que serviram como tema dos filmes de Stanley Kramer.

Mas é de lamentar que Kramer ainda não seja compreendido pela maioria dos amantes do cinema, pois muitos anos passarão antes que o público abandone os sórdidos celulóides dos B. de Mille, dos Joe Pasternacks, dos Leonard Goldsteins, para tecer hosanas ao salvador de Hollywood — STANLEY KRAMER!

(a) GLAUBER (Salvador-Bahia)

COMEDIANTES E PALHAÇOS

A comédia é um gênero que vem acompanhando a cinematografia desde os primeiros passos da Sétima Arte. Com a evolução dos tempos, obedecendo às preferências das novas gerações de fãs que vão surgindo, os filmes cômicos também se transformando em suas formas e em suas apresentações. Não queremos fazer aqui uma espécie de apanhado retrospectivo das comédias do cinema. Não. Nosso objetivo é tão sòmente comentar apenas certos comediantes que na realidade são verdadeiros artistas em suas especialidades, assim como existem outros (e êsses em maior número infelizmente), que são falsos cômicos, destituídos de quaisquer méritos artisticos, não conhecendo o que é arte, fazendo rir a certa classe de gente por meios que muito prejudicam a parte artística de uma película que se torna mediocre como os seus figurantes tornando também medíocres os espectadores que riem de suas mímicas e palhaçadas detestáveis. Tais canastrões deviam se retirar do cinema o que seria um imenso benefício para a causa do bom cinema. Escrevendo estas linhas lembramos por exemplo de um Chico Bóia, de um Harold Loyd e outros que pelo menos tinham um certo valor, apesar de suas comédias "chulas"... Depois dêsses, surgiram as duplas do riso, como Abott & Costello, Olson & Jolson, O Gordo e O Magro. Temos ainda no cinema as "trincas do barulho" tais como "Os três patetas", os Irmãos Marx e outros. Todos

(Continua na pág. 34)

AO LEITOR

Procurando atender às próprias necessidades da evolução, A CENA passará, de julho em diante, a sair com maior número de páginas, novas seções e com matéria multicolorida no texto. E como estas inovações exigem alteração no programa de trabalho das oficinas, enquanto se processa esta transformação, A CENA circulará quinzenalmente.

Aguardem, pois, no dia 7 de julho A CENA colorida.

OS VITORIOSOS...

(Continuação da pág. 5)

bancos"; 10.ª — PHYLLIS CALVERT em "Martírio do Silêncio"; 11.ª — LILLI PALMER em "Leito Nupcial" e 12.ª — GINA LOLLOBRIGIDA em "A Volta da Perdida".

OS MELHORES ATORES

1.º — JOHN GIELGUD em "Júlio Cezar"; 2.º — FERNANDEL, em dois filmes: "O Pequeno Mundo de Don Camillo" e "Cabeleireiro das Arábias"; 3.º — WILLIAM HOLDEN em "Tributo de Sangue" e "Inferno 17"; 4.º — HANS CONREID em "Os 5.000 Dedos do Dr. T"; 5.º — ALDO FABRIZI em "Sua Magestade o Sr. Carloni"; 6.º — BURT LANCASTER em "A Cruz de Minha Vida"; 7.º — JACQUE TATI em "Carrossel da Esperança"; 8.º — MARCEL MOULODJI em "Somos todos Assassinos"; 9.º REX HARRISON em "Leito Nupcial"; 10.º — FREDRICH MARCH em "Saltimbancos"; 11.º — JAMES MASON em "Júlio Cezar"; 12.º — os garotos JOHN HOWARD DAVIES em "Aprendendo a ser Homem", GEORGES POUJOULY em "Brinquedo Proibido" e JOHN WHITELEY em "Devoção de Assassino".

OS MAIS DESTACADOS TÉCNICOS

DIRETORES — Foram, respectivamente, todos aquêles que, em ordem decrescente, foram citados na lista acima, dos melhores filmes: René Clement, André Cayatte, Alexander Mackendrick, os três máximos, seguindo-se os demais referidos.

AUTORES DE ROTEIROS — RENÉ CLEMENT em "Brinquedo Proibido"; 2.º — MIGUEL BALCHIN e WITTINGHAN em "Martírio do Silêncio"; 3.º — JACQUES TATI e HENRY MARKET em "Carrossel da Esperança"; 4.º — GIUSEPPI DI SANTIS, ZAVATTINI e outros em "Roma às 11 Horas"; 5.º — ANDRÉ CAYATTE em "Somos todos Assassinos"; 6.º — A. B. GUTHRIE em "Os Brutos Também Amam" e JACQUES COMPANEZ e JACQUES BECKER em "Amôres de Apache".

MÚSICOS — 1.º — NARCISO YEPES em "Brinquedo Proibido"; 2.º — GIOVANNI FUSCO em "Crimes na Alma"; 3.º - JEAN YATOWE em "Carrossel da Esperança"; 4.º — ALAN RAWSTHORNE em "Mar Cruel"; WILLIAM ALWYN em "Martírio do Silêncio"; 6.º — VICTOR YOUNG em "Os Brutos também Amam" e FRANZ WAXMANN em "Cruz de Minha Vida".

FOTOGRAFIA EM PRÊTO E BRANCO — 1.º — JOSEPH RUTTENBERG em "Júlio Cezar"; 2.º — R. JUILLARD, em "Brinquedo Proibido"; 3.º — DOUGLAS SLOCOMBE em "Martírio do Silêncio"; 4.º — GORAN STRINDBERG em "Última Felicidade"; 5.º — JEAN BOURGOIN em "Somos todos Assassinos"; 6.º — GORDON DINES em "Mar Cruel".

FOTOGRAFIA EM COLORIDO — 1.º — LOYAL GRIGGS em "Os Brutos também Amam"; 2.º — FRANZ PLANNER em "Os 5.000 Dedos do Dr. T"; 3.º — GEORGE BARNES em "A Guerra dos Mundos".

CINEMA BRASILEIRO

Se "É PROIBIDO BEIJAR" tivesse sido lançado no Rio — um apreciável filme, no seu gênero leve — tivesse sido lançado no Rio, estabeleceria maior disputa entre os principais valores de "LUZ APAGADA", sem dúvida o melhor filme apresentado no semestre.

FILMES

1.º — "LUZ APAGADA" (Vera Cruz), 3 pontos — bom; 2.º — Empatados: "RUA SEM SOL" e "O CANTO DO MAR", com 2½ pontos cada.

ATORES

1.º — FERNANDO PEREIRA ("Luz Apagada"); 2.º — MÁRIO SÉRGIO ("Luz Apagada").

ATRIZES

1.ª — MARIA FERNANDA ("Luz Apagada"); 2.ª — AURORA DUARTE ("O Canto do Mar") e GLAUCE ROCHA ("Rua Sem Sol").

TÉCNICOS

Diretor: Carlos Thiré, em "Luz Apagada"; Música: Guerra Peixe, em "O Canto do Mar"; Fotografia. Cyril Arapoff, em "O Canto do Mar".



COM ÊLE EM CASA É MUITO FÁCIL GANHAR

Cr$ 1.000,00...

RESULTADO DA
«VISITA-SURPRÊSA»

DOMINGO NO
"O RADICAL"

SEGUNDA-FEIRA NO
"CORREIO DA NOITE"

e "O MUNDO"

O MELHOR PARA OS MÓVEIS

VENDAS PARA O INTERIOR DO PAÍS

PEDIDOS AOS REVENDEDORES:
Telefones: 32-9309 e 32-9415
Av. Rio Branco, 137 - sala 616
RIO

Quais os filmes que...

(Continuação da pág. 25)

Waldemar Torres, diretor de publicidade da Metro e internacionalmente premiado indicou "Mulher de brio", de Greta Garbo, do cinema silencioso como o eterno filme do cinema. Entre as "reprises" além dêsse "Alvorada do amor", "Romance de um trapaceiro", "...E o vento levou" e "Luzes da cidade".

E. H. Vignoles, diretor de publicidade da França Filmes reverencia "Brinquedo proibido" como o filme mais destacado da sua existência. Entre as "reprises": "Henrique V", "Hamlet", "Na solidão da noite", "Um lugar ao sol" e "O cangaceiro".

Newton Couto, ator do cinema brasileiro e ex-crítico de "A Revista da Semana" votou, como o maior do cinema, em "Cidadão Kane". Entre os filmes que desejaria rever: "Também somos sêres humanos", "Carícia fatal", "Soberba" e "Vinhas da Ira".

Cléia Barros Trisciuzzi, diretora de publicidade da Republic Pictures escolheu "A terra dos Deuses", como o máximo da tela. Nas reapresentações: "Na cova das serpentes", "Com os braços abertos", "Alma em suplício", "Adeus Mr. Chips" e "Rosa de esperança".

O sr. Lazaro, diretor de publicidade de cêrca de meia dúzia de agências e, em particulas, da Art Films, opinou por "A grande valsa" para o seu mais destacado filme. Nas "reprises", além desta película (confessou que a viu mais de 50 vêzes!), "Hotel do Norte", "Trágico amanhecer", "Carrossel da esperança" e "A cidade da perdição".

Página do leitor...

(Continuação da pág. 33)

êles conseguiram ou conseguem ainda desfrutar certo prestígio entre seus admiradores e arrastam conseqüentemente grande público às bilheterias. Surgem os punhados, atores horríveis como Cantinflas no México, Bob Hope, Danny Kaye e Eddie Cantor no cinema americano, Oscarito e Grande Otelo no cinema nacional. Ora, êsses pretensos comediantes, apesar do público que têm (e isso não sabemos porque), nada têm de artistas no sentido exato do têrmo, fazem uso de absurdas, de ridículas contrações fisionômicas, para obter as suas gracinhas muito sem graça. São portanto dignos de trabalhar em um picadeiro de circo, pois lá é o lugar indicado para êsses verdadeiros "clowns", autênticos palhaços sem classificação possível para os seus papéis. A verdadeira arte de fazer rir não é tão fácil como possa parecer para muitos que não têm compreensão das coisas. Quando se falar em ator cômico pròpriamente dito, quando se falar em arte, quando se falar ainda em filosofia no cinema, quando se falar em direção, quando se falar em interpretação maravilhosa, sem sofismas, com arte na acepção do vocábulo, quando se falar ainda a respeito de um ator completo quer em comédia ligeira, quer em comédia de charge ("O Grande Ditador"), devemos primeiramente lembrar de Charles Chaplin o gênio do cinema, aquêle velho Carlitos de bengalinha e cartola que sabe muito bem fazer rir como também arrancar lágrimas de seus espectadores. Pois nem mesmo o tempo, o "grande fator tempo", conseguiu apagar o brilho de seu valor, pois Charles Chaplin ainda há pouco veio demonstrar mais uma vez o seu talento em "Luzes da Ribalta". Êsse sim, é artista, comediante completo, é firme e preciso na direção de um filme. Sabe ser dramático no momento exato. Para atores dessa fibra é que se pode dar o nome de ARTISTA. Que os outros medíocres, cursem a escola de Carlitos e depois venham fazer filmes. Vamos para terminar êste nosso rápido comentário sôbre comediantes e canastrões, citar o nome de Clifton Webb, o conhecido "gênio" da série "Belvedere". Eis um artista que com a mais absoluta seriedade sem dizer por vêzes uma só palavra consegue arrancar as mais gostosas gargalhadas da platéia. Isto sim, é arte de fazer rir, o mais é prosa fiada êsse negócio de fazer caretas, de fazer mímicas, macaquices etc., não são coisas para um ator que deseja ser alguém no gênero de comédias. Esta é que é a verdade nua e crua, e ainda que pareça incrível, muitos não sabem que **fazer rir também é uma arte!**

BRAGA FONSECA (Caxambu-Minas)

Cinema Brasileiro...

(Continuação da pág. 24)

tenticidade, chamei a colaborar comigo no argumento Sadi Cabral, cujos preciosos conhecimentos, imprimem à história, realismo.

— A película, prossegue Carlos Hugo Christensen, abordará principalmente o destino dos prisioneiros após a fuga do presídio. As cenas de estúdio serão realizadas na Kino Filmes em São Paulo. Procurarei ser imparcial no que se refere às conclusões. O filme chamar-se-á "Mãos Sangrentas".

Carlos Hugo Christensen pretende radicar-se ao Brasil; já tem programado o seu segundo filme, cujo título ainda está por ser escolhido e que será "rodado" em Pernambuco sôbre um tema rural do nordeste. A história, é de autoria de Viñalez, Carlos Hugo Christensen e Sadi Cabral.

É duplamente alviçareiro para o cinema brasileiro a presença de Carlos Hugo Christensen; primeiro porque é êle um diretor de reconhecida experiência que traz uma significativa bagagem cinematográfica, segundo porque aos poucos, com uma produção aqui, outra ali, vamos nos reabilitando do desânimo que varreu estas plagas por algum tempo.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº. ......

NOME..............................
RUA.................... Nº. ....
CIDADE............................
ESTADO............................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00



TEM CASPA?
Caem os Cabelos?
JUVENTUDE ALEXANDRE
ELIMINA A CASPA
Evita a Quéda

Cupom «Escola de Corte e Costura São Paulo»

Curso por Correspondência para Senhoras e Alfaiates

—//—

À Escola de Corte e Costura «São Paulo» dos Métodos «VOGUE»

Rua José Vilagelim Júnior, 52 — Caixa Postal 838 — CAMPINAS
Estado de São Paulo

Peço enviar-me gratuitamente prospectos sôbre o ensino de «Artes e Modas», curso de Professôras e Contra-mestres.

NOME..............................
RUA.................... Nº........
CIDADE.............. ESTADO........

DE TODO O MUNDO

(Continuação da pág. 3)

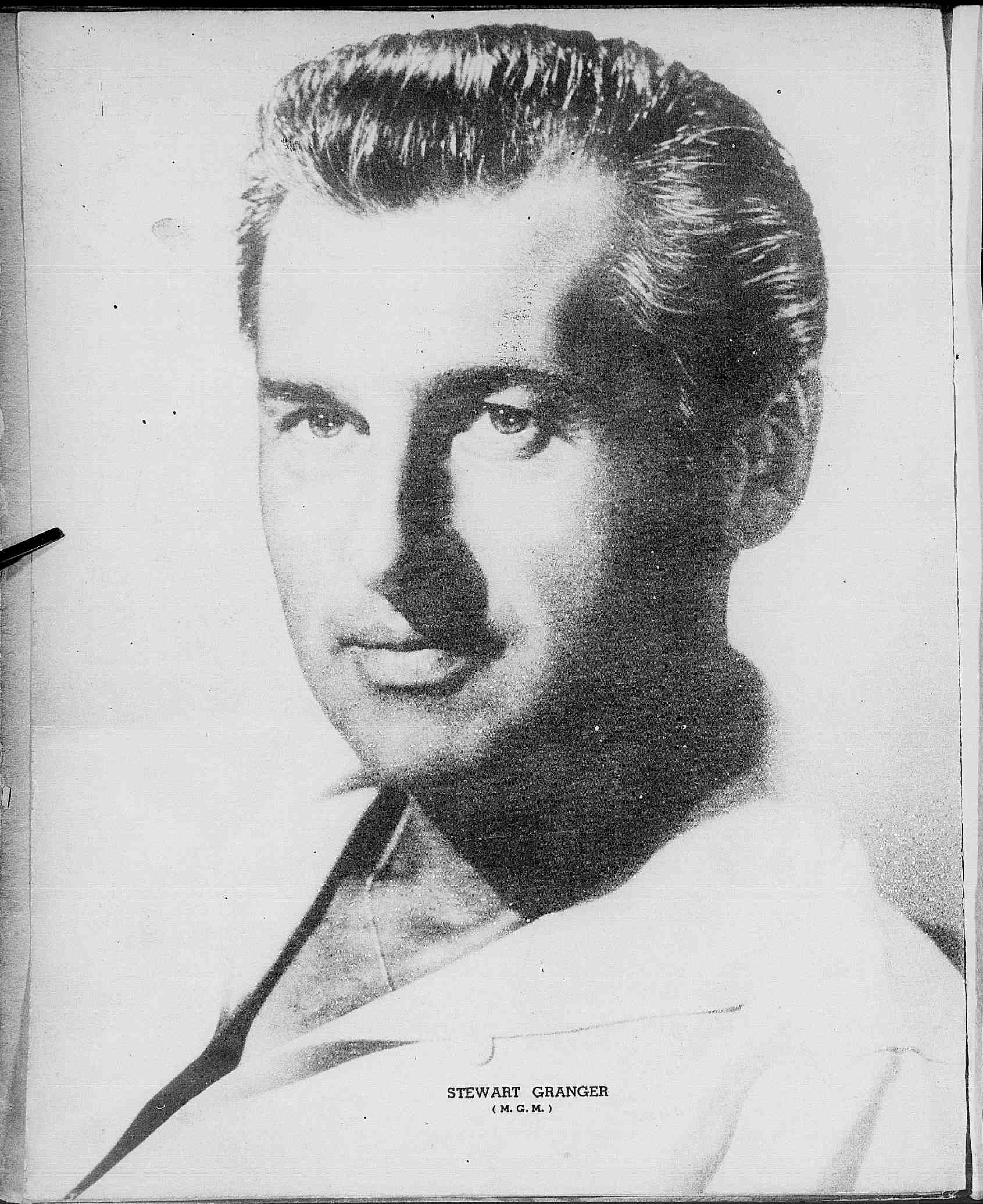
★ "The good die young" é o título de uma realização de Lewis Gilbert, interpretada por atores americanos e inglêses. O filme está sendo bem recebido pela crítica e, do ponto de vista de interpretação pelo menos, sua qualidade vem garantida pela presença de Gloria Grahame, Margaret Leighton, Richard Baschart e Laurence Harvey (o Romeu da versão de Castellani).

ARGENTINA

★ Os produtores argentinos que ofereceram um contrato a Michel Simon estão assustados com as exigências feitas pelo ator, e pedem um prazo para refletir. Eis algumas delas: 40.000 pesos, uma casa de campo com um grande jardim, um automóvel e um "chauffeur", os direitos do filme para a Suiça, três milhões de francos, e algumas centenas de dólares depositados em Nova York. Que câmbio é êsse, Michel Simon?



ROBERTA HAYNES
(COLUMBIA)



STEWART GRANGER
(M. G. M.)